

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE BACHAREL EM TURISMO**

ANE CAROLINE SARMENTO ROCHA

**O JORNALISMO DE VIAGENS: RETRATANDO A COMUNICAÇÃO, A CULTURA
E O TURISMO NOS PAÍSES RÚSSIA E UCRÂNIA**

MANAUS

2022

ANE CAROLINE SARMENTO ROCHA

**O JORNALISMO DE VIAGENS: RETRATANDO A COMUNICAÇÃO, A CULTURA
E O TURISMO NOS PAÍSES RÚSSIA E UCRÂNIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como
requisito à obtenção do título de Bacharel em Turismo na
Escola Superior de Artes e Turismo – ESAT.
Orientadora: Prof.^a Maria Helena de Souza Fonsêca,
Esp.

**MANAUS
2022**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

R672jj Rocha, Ane Caroline Sarmento
O Jornalismo de Viagens : retratando a comunicação, a cultura e o turismo nos países Rússia e Ucrânia / Ane Caroline Sarmento Rocha. Manaus : [s.n], 2022.
78 f.: color.; 1 cm.

TCC - Graduação em Turismo - Bacharelado -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.
Inclui bibliografia
Orientador: Fonseca, Maria Helena de Souza

1. Jornalismo. 2. Comunicação. 3. Turismo. 4. Guerra. 5. Economia. I. Fonseca, Maria Helena de Souza (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. O Jornalismo de Viagens

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

ANE CAROLINE SARMENTO ROCHA

**JORNALISMO DE VIAGENS: RETRATANDO A COMUNICAÇÃO, CULTURA E O
TURISMO NOS PAÍSES RÚSSIA E UCRÂNIA**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado para obtenção de Grau de Bacharel em Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

Aprovado em 20/10/2022

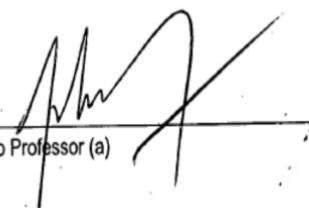
Nota Final = _____

BANCA EXAMINADORA



Prof. Maria Helena de Souza Fonseca, Esp.

Universidade do estado do Amazonas - UEA (Orientadora)


Assinatura do Professor (a)

Prof. José Carlos da Silva Lima, MSc.

Universidade do Estado do Amazonas - UEA (Membro Interno)



Prof. Ricardo de Almeida Breves, MSc

Universidade do Estado do Amazonas (Membro Interno)

Dedico este trabalho aos países que estão passando por situações de guerra, as pessoas que lutam para sobreviver e viver em liberdade, dedico aos que lutam pelos direitos humanos, pela justiça social e a equidade de gênero. A todos que buscam a paz e dedicam suas vidas para mostrar que ainda há esperança de vivermos em um mundo melhor.

(Ane Caroline Sarmiento Rocha)

*“Sur la santé qui revient Dans le danger qui est
passé
Dans les espoirs sans écho Je vais écrire ton nom
Et au pouvoir d’un mot Je recommence ma vie
Je suis né pour te connaître Et t’appeler
Liberté.”*

-Paul Éluard

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a mim porque eu não desisti. Agradeço a minha mãe por nunca ter duvidado que um dia chegaria à Universidade e pela sua dedicação em criar três filhas sendo mãe e pai dentro de casa nos ensinando como enfrentar a vida desde cedo, só tenho de agradecer pela sua existência e por ter me ensinado a ser forte e lutar pelo o que eu quero. Agradeço ao meu pai por ter dado assistência quando precisei, e a vida das minhas irmãs e sobrinhas por todo amor que me dão, o apoio de vocês a cada conquista me deixa extremamente feliz.

Gostaria de agradecer também a minha orientadora professora Maria Helena Fonsêca que, é a principal inspiração para este trabalho, através das suas aulas surgiu a vontade de pesquisar sobre o turismo e a relação com a comunicação global, sou grata por ela ter aceitado essa proposta, graças a ela tive a direção aonde queria chegar com este estudo e pude finalizar o processo de pesquisa acadêmica. Desde já agradeço a todos os docentes do Curso de Turismo pelo desempenho em sala de aula e pelo conhecimento partilhado a nós alunos da Instituição. Toda minha gratidão a essa instituição de ensino que por quatro anos foi a minha segunda casa, um agradecimento especial a professora Selma Batista que durante o tempo que foi docente no curso de turismo me deu apoio, conselhos e incentivo para minha vida acadêmica agradeço imensamente pelo seu carinho, Ubuntu!

Agradeço às minhas amigas Juliana, Eloíza, Kamilla, Maria, Sara, Raissa e Nell por terem estado comigo ao longo desses anos, se não fosse vocês comigo não sei como teria chegado aqui, sou grata a cada uma de vocês pelas risadas, brincadeiras, persistência, amor e muito carinho que nutrimos por esse tempo, o apoio de vocês foi essencial para meu crescimento, amo vocês e torço muito pelo sucesso de cada uma. Para finalizar, repito para mim mesma: quando a vida te decepciona, qual é a solução? Continue a nadar! Continue a nadar! Continue a nadar, nadar, nadar.

RESUMO

Este trabalho propõe retratar como o jornalismo de viagens se insere no contexto atual da invasão Russa à Ucrânia por meio da comunicação, cultura e o turismo. Neste sentido abordam-se a origem do conflito entre os dois países, explica-se a dimensão e o papel do jornalismo conceituando-se as especialidades de jornalismo de viagens e turismo. O principal objetivo deste estudo é de registrar o impacto da guerra na cultura, comunicação e na atividade turística. Sendo uma pesquisa qualitativa, a metodologia utilizada para desenvolver o trabalho foi a pesquisa bibliográfica. A análise dos resultados, demonstra por meio dos dados obtidos, o impacto da guerra no turismo e a deficiência econômica entre os países envolvidos. Constatando que, o impacto da guerra, também afeta a economia mundial, prejudica todos os demais setores, sendo o turismo, um dos primeiros segmentos a serem prejudicados, onde fica evidenciado que o jornalismo de viagens ajuda na escolha dos destinos e oferece uma visão sobre noções de cultura, comunicação, economia e o turismo.

Palavras chaves: Jornalismo, Comunicação, Turismo, Guerra, Economia.

ABSTRACT

This paper proposes to portray how travel journalism is inserted in the current context of the Russian invasion of Ukraine through communication, culture and tourism. In this sense, it addresses the origin of the conflict between the two countries, explains the dimension and role of journalism conceptualizing the specialties of travel journalism and tourism. The main objective of this study is to record the impact of war on culture, communication and tourism. Being a qualitative research, the methodology used to develop the work was the bibliographical research. The analysis of the results shows through the data obtained, the impact of the war on tourism and the economic deficiency among the countries involved. whereas the impact of the war also affects the world economy, harming all other sectors, tourism being one of the first segments to be harmed, where it is evident that travel journalism helps in choosing destinations and offers an insight into notions of culture, communication, economy and tourism.

Keywords: Journalism, Communication, Tourism, War, Economy.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Jornais russos nos primeiros dias de guerra
- Figura 2:** Jornais russos nos primeiros dias de guerra
- Figura 3:** Presidente Volodymyr Zelensky, convocando reservistas para a guerra
- Figura 4:** Na imagem, uma explosão ocorreu na Capital ucraniana, Kiev
- Figura 5:** Posto da guarda de fronteira da Ucrânia destruído por bombardeio na região de Kiev,
- Figura 6:** Mapa mostra a situação da guerra da Ucrânia
- Figura 7:** Catedral de Santa Sophia
- Figura 8:** Praça da Independência de Kiev
- Figura 9:** Centro Histórico de Lviv
- Figura 10:** Centro Histórico de Lviv
- Figura 11:** Centro de informação ao turista
- Figura 12:** Ruínas contemporâneas: parque de diversões em Pripyat
- Figura 13:** Visita a sala de controle faz parte do roteiro
- Figura 14:** O sarcófago que cobre o reator 4 de Chernobyl para deter a liberação de radiação
- Figura 15:** Praça Vermelha
- Figura 16:** Mausoléu de Lênin
- Figura 17:** Conjunto arquitetônico do Kremlin
- Figura 18:** Lago Baikal, na Sibéria
- Figura 19:** Espaço aéreo da Ucrânia fechado após invasão
- Figura 20:** Refugiados da Ucrânia descansam após chegarem à Polônia
- Figura 21:** Gastos com turismo internacional da Rússia e Ucrânia (% do total mundial)
- Figura 22:** Países europeus com maior declínio no número de voos de 24 de fevereiro a 11 de maio de 2022

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDL – Federação da Indústria de Aviação Alemã

CEI – Comunidade dos Estados Independentes

EASA – Agência de Segurança da Aviação da União Europeia

ETC – Comissão Europeia de Turismo (European Travel Commission)

EUA – Estados Unidos da América

GUAM – Grupo formado pelos ex países soviéticos (Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia)

NEP – Nova Política Econômica

OMT – Organização Mundial de Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

OSCE – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

POS DR – Partido Operário Social Democrata Russo

UE – União Europeia

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviética

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 A HISTÓRIA DOS PAÍSES RÚSSIA E UCRÂNIA	13
1.2. A POLÍTICA ANTES DA REVOLUÇÃO RUSSA	16
1.2.1 A Revolução Russa de 1917	18
1.2.2 Guerra Civil na Rússia (1918 – 1921)	20
1.2.3 A União das Repúblicas Socialistas Soviética	21
1.3 A ATUAL RÚSSIA E UCRÂNIA	26
1.3.1 A Origem do Conflito	28
1.3.2 Questões Subjacentes do Conflito	30
2. A DIMENSÃO E O PAPEL DO JORNALISMO	33
2.1 AS FACES DO JORNALISMO	33
2.1.1 O Jornalismo de Viagens	35
2.1.2 O Jornalismo Turístico	37
3. METODOLOGIA	38
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	40
4.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	40
4.2 IMPACTO DA GUERRA NA COMUNICAÇÃO	41
4.3 O IMPACTO DA OFENSIVA RUSSA NA UCRÂNIA NO TURISMO INTERNACIONAL	46
4.3.1 A paralisação do turismo na Ucrânia e na Rússia	48
4.3.2 O impacto na economia	58
4.4 A IMPORTÂNCIA QUE O JORNALISMO DE VIAGENS DESEMPENHA NA SOCIEDADE	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

Em 24 de fevereiro de 2022, o mundo inteiro parou para assistir à poderosa Rússia invadir uma Ucrânia dividida e à beira do caos. Na internet, mídia televisiva e demais meios de comunicação, a questão levantada era que estávamos assistindo o começo da Terceira Guerra Mundial, algo que o ocidente tem evitado. Fazendo um breve recorte no tempo, há 30 anos, não era comum como hoje, acompanhar notícias sobre os conflitos do mundo, a globalização permitiu que os meios de comunicação se tornassem mais tecnológicos e mais poderosos na questão de noticiar em tempo real. Na internet muitos usuários apontam que a sociedade está passando por muitos momentos históricos, crise na saúde mundial, tensão entre países e demais fatores do século 21. Esses fatos provam que o acesso à uma rede de comunicação, seja ela, por meio da internet, televisão, jornais e demais meios, provam que a informação é um caminho para o entendimento político, social, econômico, cultural e ético.

Desse modo, esta monografia aborda sobre o jornalismo de viagens: retratando a comunicação, a cultura e o turismo, delimitando o estudo nos países Rússia e Ucrânia, desde o início da guerra em 24 de fevereiro de 2022 até setembro de 2022, com a proibição das informações do país invasor para o mundo e suas consequências. A problemática deste trabalho buscou analisar a dimensão que o jornalismo tem na sociedade, fez-se o seguinte questionamento: Qual o papel do jornalismo de viagens para a comunicação, a cultura e a mobilidade turística? No contexto do mundo atual, é necessário escrever sobre os fatos, abordando o turismo global com a ajuda da comunicação que é de grande importância para redigir a polarização que conflitos armados geram em uma sociedade.

Este trabalho teve como objetivo geral compreender a dimensão e o papel do jornalismo de viagens: quanto à comunicação, cultura e o turismo no atual momento de invasão russa à Ucrânia. E os objetivos específicos: registrar o impacto da guerra na cultura, comunicação e no turismo; identificar as diferenças e semelhanças entre o jornalismo de viagens e o jornalismo turístico; demonstrar a importância que o jornalismo de viagens desempenha em uma sociedade.

No que tange aos procedimentos metodológicos esta monografia é de natureza qualitativa, a metodologia dos objetivos é exploratória e descritiva, e a pesquisa bibliográfica, Quanto aos métodos é de cunho dedutivo e histórico.

A escolha do tema desta pesquisa partiu da curiosidade da autora de compreender a questão do contexto atual mundial e a comunicação juntamente com a atividade turística que estão incluídas no contexto do jornalismo de viagens. Quanto à relevância para a academia, busca-se por meio deste trabalho propor futuras pesquisas relacionadas a essa temática, seguindo o papel de descrever sobre a influência que o jornalismo internacional tem nos destinos turísticos. Para a sociedade, o conhecimento da informação dos destinos turísticos que é feito pelo jornalismo, para planejar suas futuras viagens. Já a relevância para o empresário de turismo, a visão diversificada e verídica das informações por meio do jornalismo de viagens. Quanto à estrutura deste trabalho, está dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro, a fundamentação teórica com um relato sobre a história dos dois países onde foi feito o estudo. O segundo capítulo, aborda conceitos e o papel do jornalismo de viagens e jornalismo turístico. O terceiro explica os procedimentos metodológicos e o quarto capítulo, apresenta os resultados obtidos com as respectivas análises.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A HISTÓRIA DOS PAÍSES RÚSSIA E UCRÂNIA

A história da Rússia já passou por diversas modificações, a criação do Império Russo, a transformação em União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), até a sua dissolução. E atualmente é um dos países de maior potência econômica do mundo. A Rússia é o país mais extenso do globo, possui 11 fusos horários desde o Estreito de Bering, a Leste, até o limite com a Estônia, a Oeste, ou seja, quase metade dos 24 fusos horários do globo terrestre, Aguiar (2002). É um país longitudinal que traz muitas implicações climáticas. Quanto à Ucrânia, é caracterizada por ser um país fronteiriço com a Rússia, a norte e leste; Belarus, ao norte; Polônia, Eslovênia e Hungria, a oeste. Os dois países têm história de origem iguais como outras nações vizinhas, têm tanto laços históricos e culturais que as unem quanto que as separam. Essa herança em comum remonta ao século 9, quando Kiev, a atual capital ucraniana, era centro do primeiro Estado eslavo, criado por um povo que se autodenominava "rus". Foi esse grande Estado medieval, que os historiadores chamam de Rus de Kiev, que deu origem à Ucrânia e à Rússia - cuja capital atual, Moscou, surgiu no século 12. A fé professada era a cristã ortodoxa, instituída em 988 por Vladimir 1º de Kiev (ou São Vladimir Svyatoslavich "O Grande"), que consolidou o reino Rus no território que corresponde hoje a Belarus, Rússia e Ucrânia e se estende até o Mar Báltico, BBC History Extra (2022).

O cientista político Henri Cukier (2022), explica que estes povos que habitavam há alguns séculos as regiões próximas ao Mar Negro foram para o sentido oeste, formando no futuro as nações Tchecoslováquia e Polônia; para o sul, deram origem aos Sérvios, Croatas, Macedônios, Montenegrinos e Búlgaros. No sentido leste, a formação de povos se realizou por volta de 400-500, pelas margens do rio Dnieper e foram agrupados em blocos distintos: Ucranianos, Bielorrussos e Russos. A área se tornou a cidade de Kiev, centro para o comércio no Leste Europeu, o território ao redor foi nomeado de *Rus*, origem de um estado que se chamou Rússia Kieviana. A localização deste território era estratégica, pois, ficava entre o ocidente, oriente e o

Império Bizantino ao sul, gerava uma renda comercial muito favorável para Kiev que com tal intensidade expandiu para o noroeste e norte.

Esta região passou a ser umas das mais poderosas de todo o mundo e é entendida por alguns historiadores como a base para a formação da Rússia. Alguns historiadores afirmam que se tratava de um verdadeiro império, cuja influência política contribuiu, inclusive, para a queda do Império Bizantino, outros ignoram qualquer organização mais complexa desta comunidade, afirmando que não passava da união de diversas tribos para fins de defesa contra inimigos em comum (WILSON, 2000. *apud* EDLER, 2011).

O reino Rus foi invadido ao longo dos anos por: mongóis, lituanos e poloneses. A partir da ação dos russos, o território ucraniano retomou a sua autonomia, mas logo foi dominado pelo Império Russo. A partir de então, a Ucrânia integrou o Império Russo, sendo mais recentemente parte também da União Soviética. O país sofreu grandes perdas econômicas e humanas tanto no período soviético quanto no período nazista, quando a Ucrânia foi duramente atingida por ataques alemães no século XX.

Mas quanto ao império, pode se dizer que a expansão culminou por várias razões, entretanto, pode ser considerados algumas principais objeções, segundo Aguiar (2002): 1- a destruição do Império Bizantino pelas cruzadas (1204); 2- surgimento de uma nova rota comercial por Veneza; 3- invasão tártara por volta de 1218-1219, decisiva para a decadência da Rússia Kieviana. Os russos do leste fugiram dos mongóis rumo às cabeceiras do Volga onde tinha terras férteis, assim, deu-se início a fundação da cidade de Moscou ainda no século XII, a princípio a entidade étnica, anos depois também política.

A partir de 1547 a Rússia passou a se comunicar como estado à Europa, através do poder de Ivan IV. O domínio mongol já havia terminado, mas restou alguns traços culturais desse povo que ficaram como modelo, enquanto a Europa já se preparava para uma política liberalista. Essa vivência de idade média na Rússia só mudou com a ascensão ao poder de Pedro, o Grande. Durante o seu governo transferiu a capital de Moscou para São Petersburgo em 1721, o que tornou Pedro um exemplo para os líderes políticos russos da época e além do seu tempo — como por exemplo Stálin — para Aguiar (2002) o que tornou Pedro, o Grande foi a sua organização inédita do Exército Imperial, em moldes nunca vistos até aquele momento. Através da formação de São Petersburgo no início do século XVIII e sua

transformação em capital em 1721, caracterizou-se a fase da “Rússia Petersburguesa”, até a revolução de 1917.

Com a morte de Pedro, o Grande a ascensão do Império Russo rompeu e a partir das governanças de Paulo I, Alexandre I, II e III, e dos Nicolaus I e II, toda a organização anterior entrou em decadência. Salvo alguns pontos positivos como a abolição da servidão com Alexandre II; a retirada de Napoleão e suas tropas com a ajuda do inverno russo, como também o patriotismo dos soldados russos; e a afirmação da Rússia como potência e depois seu declínio através da fragilidade dessa nação no século XIX.

Quando a Rússia foi derrotada na Guerra da Crimeia (1854-1856) teve que se contentar com uma sobrevida do Império Otomano até o final da Primeira Guerra Mundial (HENDLER, 2016). Por conta dos problemas sociais e econômicos que enfrentava, o czar Alexandre II instituiu algumas mudanças. Em 1861, houve a abolição da servidão, junto com a ocupação de novas terras, vendidas aos camponeses. Isso permitiu ao país aumentar sua produção e tornar-se um exportador de grãos.

O surgimento de uma intensa atividade política que questionava o regime e a necessidade de algumas mudanças para preservar o regime monárquico, o sucessor do czar Nicolau I, Alexandre II (1818-1881), realizou reformas importantes, como a libertação dos servos em 1861 e modificações nas estruturas administrativas e jurídicas; porém a estrutura opressiva da autocracia foi preservada. (BRITO e MATIAS, 2022, p. 281).

Com as medidas, também houve um crescimento populacional que acabou aprofundando os problemas sociais na Rússia. Para Brito e Martins (2022, p. 280) durante o processo das revoluções industriais a Rússia ficou em estado conservador:

No século XIX a Rússia foi um dos países mais atrasados da Europa, tanto na economia como na política. Como um dos poucos regimes autocráticos do continente, a situação do país era peculiar em relação ao contexto europeu, onde os últimos regimes monárquicos, em sua grande maioria, eram constitucionais.

No século XIX, a Rússia, juntamente com Reino Unido, Alemanha, França e Áustria-Hungria era um dos principais países da Europa. Contudo, os russos ficaram para trás na Revolução Industrial e viram seus vizinhos modernizarem-se e investirem na indústria, enquanto a Rússia continuava sendo uma economia agrícola. O Império Russo era conhecido como o “Gigante dos Pés de Barro”, uma vez que sob o sistema

feudalista, os senhores feudais não tinham interesse em modernizar as plantações ou investir em indústrias.

O regime czarista sempre esteve em voga e o czar era visto como o principal responsável pelo atraso econômico e social do país. Diante do intenso quadro de atividades revolucionárias, sobretudo a partir de 1848, surgiram no império russo os primeiros grupos políticos que questionavam o regime autocrático do czar Nicolau I. Tais grupos sofreram forte influência principalmente da cultura e da atividade política da França, país que passou a ser o modelo na Europa em questões de grandes transformações sociais.

Brito e Matias (2022), dizem que o questionamento sobre o poder do czar passou a atingir algumas camadas da sociedade russa da época, no entanto muitos aceitavam tal submissão por causa da crença:

[...] pela falta de algo como uma classe média forte e, acima de tudo, pela existência de uma tradicional lealdade ou passividade de um campesinato atrasado e em grande parte servil, que aceitava o domínio da pequena nobreza porque esta era a vontade de Deus, porque o czar representava a Santa Rússia (HOBSBAWM, 2015, p. 253 *apud* BRITO *et al* MATIAS, 2022, p. 280).

Com mais pessoas morando no país, o desemprego cresceu e a produção agrícola insuficiente para alimentar a população gerou fome e revoltas. Buscando contornar a situação, o czar passou a estimular a industrialização, financiada por investimentos estrangeiros. Com a instalação de indústrias na Rússia, cresceu a migração no país. Tanto estrangeiros quanto pessoas de outras regiões russas mudaram-se para as novas cidades industriais, como Moscou e Petrogrado, em busca de emprego. Assim, nas últimas décadas do século XIX, o Império Russo finalmente se modernizou. Contudo, o absolutismo e as precárias condições de vida persistiram no campo e na cidade, onde os operários recebiam salários muito baixos.

A chegada do século XX mostra uma Rússia totalmente caótica, com exército desintegrado, população descontente e miserável. A Revolução Russa (1917-1928) foi constituída de uma série de eventos responsáveis por derrubar a monarquia que comandava o Império Russo até criar a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o primeiro país socialista do mundo. Essa revolução não é importante apenas na história da Rússia, pois trata-se de um período que impactou todo o andamento do século XX.

1.2. A POLÍTICA ANTES DA REVOLUÇÃO RUSSA

Antes da Revolução Russa, cuja concretização foi em 1917, o país vivia um sistema político chamado de czarismo. Arendt (1988 *apud* BARBON, 2017, p. 60) explica que o “conceito hodierno de revolução surgiu no Século XVIII sob o valor da liberdade e libertação ocasionadas pelas revoltas burguesas na França que destituíram o Antigo Regime e instauraram novo modelo de Estado”. A Rússia por outro lado se constituía no czarismo que organizava o país desde o século XVI. Tratava-se de uma forma de absolutismo, no qual o czar concentrava em suas mãos todos os poderes.

Cotrim (2005, *apud* BARBON, 2017, p. 61) também esclarece que o “governo se sustentava pelo apoio da nobreza rural, da Igreja Ortodoxa, do alto escalão militar e industriais” ao czar estavam submetidas todas as classes sociais, desde os servos até a nobreza – conhecida como boiardos – e a Igreja Católica Ortodoxa. Esses dois últimos grupos eram considerados mais livres do que os servos, mesmo assim tinham suas liberdades controladas pelo Império. A *Ochrana* – polícia política – vigiava e controlava a educação e os tribunais; no país também não existia liberdade de imprensa.

Já os camponeses viviam em extrema miséria e ainda pagavam altos impostos para manter o sistema czarista. Nessa conjuntura, camponeses e operários viviam em condições extremas devido às altas cargas trabalhistas, precariedade de moradia e opressão política do Estado Czarista. Aquino (1986, p. 125) explica:

Os salários eram insuficientes para o sustento, os locais de moradia caracterizavam-se pela imundície e falta de conforto, as roupas consistiam em verdadeiros farrapos remendados e sujos, a alimentação não era suficiente nem saudável, os locais de trabalho não ofereciam condições de segurança, as jornadas de trabalho duravam de 14 a 15 horas, era ilegal fazer greve, não tinham os trabalhadores direito à aposentadoria, férias ou indenizações por doença ou acidente no local de trabalho, sindicato não podia existir.

Como a industrialização foi feita no modelo ocidental com capital inglês e francês, o regime Czarista não viu surgir uma burguesia local que pudesse alterar a dinâmica política do país. Em contrapartida, os operários – que ainda formavam um grupo pequeno – passaram a se organizar cada vez mais. Esses recebiam influência de ideias vindas da Europa Ocidental e mantinham contato com os camponeses,

formaram grupos de oposição ao czarismo. Mesmo os partidos políticos sendo proibidos, vários existiam clandestinamente.

Segrilho (2003, *apud* BARBON, 2017, p. 62) afirma que “não apenas houve uma formação tardia da estruturação partidária, como as primeiras organizações que podem se afirmar realmente como partidos são exatamente organizações de esquerda radical”. Suas ações iniciais se embasaram no populismo agrário terrorista e se alteraram com o agravamento da crise política e socioeconômica do país. É comum que revoluções sejam antecedidas por período de grande insatisfação popular e isso não foi diferente com a Revolução Russa. Os principais fatores que levaram o povo a derrubar o governo foram: Persistência no absolutismo, Pobreza e Miséria. Assim, surgiu o Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), que se dividiu em duas vertentes, inspirado nos ideais marxistas, era liderado por Plekhanov e Lenin. As divergências ideológicas dentro do partido fizeram surgir dois grupos essenciais na Revolução Russa:

- Mencheviques: palavra russa para “minoría” do POSDR, liderados por Plekhanov, acreditava que era possível chegar ao poder de maneira pacífica, como por meio de eleições. Apesar de defender a implantação do socialismo na Rússia, os mencheviques acreditavam que a transição para esse tipo de governo deveria ser gradual e feita por reformas políticas e econômicas.

Entende-se que o ponto de partida de ambas as frações e talvez o único consenso entre as duas vertentes fosse que a Rússia vivia o momento da revolução burguesa, a qual, por suposto, deveria ser uma revolução democrática que instauraria as liberdades políticas, ou seja, as liberdades burguesas. Mas as divergências sobre o método e os objetivos eram intransponíveis. A primeira e importante diferença era sobre o conceito de revolução burguesa, os mencheviques acreditavam que a revolução deveria propulsionar o capitalismo na Rússia com a criação do Estado democrático liberal, que tivesse liberdade de organização política e cultural. Segundo Del Roio (2020), a burguesia deveria dirigir o processo e configurar as novas instituições, quanto a classe operária deveria apoiar a burguesia com eventuais acordos liberais, mas não participar dos eventos do governo provisório de coalizão, ou seja, não formar estratégias como oposição.

- Bolcheviques: a “maioría”, eram liderados por Lenin e defendiam a necessidade de uma revolução armada para tirar o czar do poder. Eles

também pretendiam instalar o socialismo no país, mas de maneira imediata.

Esses, por sua vez, entendiam que uma revolução burguesa significaria o desenvolvimento das forças produtivas, industrialização e urbanização, além de elevação cultural e generalização do estatuto da cidadania dentro de um Estado democrático. O pensamento Bolchevique era que a revolução deveria partir do proletariado industrial e não da burguesia. Lênin explicita com muita clareza a leitura que tinha do processo revolucionário na Rússia:

O proletariado deve levar até o fim a revolução democrática, atraindo as massas camponesas, para esmagar pela força a resistência da autocracia e paralisar a instabilidade da burguesia. O proletariado deve levar a cabo a revolução socialista atraindo a massa dos elementos semi proletários da população, para romper pela força a resistência da burguesia e paralisar a instabilidade dos camponeses e da pequena burguesia (LÊNIN, 1905 *apud* DEL ROIO, 2020, p. 136)

Em abril de 1906, em Estocolmo, realizou-se o IV congresso do POSDR. Entre os debates acalorados ficou claro as diferenças entre as duas vertentes do marxismo russo. Os mencheviques entendiam que se devesse passar a questão da terra aos governos locais, e os bolcheviques defendiam a nacionalização da terra, durante anos as vertentes tiveram discussões sobre a revolução. Portanto, para Lênin e os bolcheviques o essencial era a aliança com o campesinato (camponeses) e com quem o representasse, enquanto que os mencheviques preferiam fazer acordos com os representantes da burguesia liberal. A concepção marxista dos bolcheviques entendia que a revolução deveria ser feita a partir da particularidade histórica da Rússia e os mencheviques entendiam que a ocidentalização da Rússia era o escopo a ser alcançado.

1.2.1 A Revolução Russa de 1917

Em fevereiro de 1917, a autocracia czarista terminou após operárias se manifestarem, uma marcha pelo dia das mulheres transformou-se em um protesto geral, as operárias clamavam por pão, paz e terra; pediam pão por causa da fome, a paz estava relacionada com a retirada da Rússia da 1ª Guerra Mundial e a terra porque os manifestantes pediam por reforma agrária. No ato de manifestação o povo invadiu o palácio e forçou o czar a renunciar. Assim, começava a Revolução Russa:

No dia 27 de fevereiro de 1917 o czar abdicou do poder e foi formado um governo provisório com a liderança de Kerensky. A manifestação realizada pelas mulheres do dia 23 a 27 de fevereiro de 1917 contagiou todo o povo russo e não teve a participação de nenhum líder político porque eles estavam no exílio –Trotsky nos Estados Unidos e Lênin na Suíça (SECCO, 2017 *apud* MARQUES, 2019, p. 210)

Esse primeiro episódio, em específico, ficou conhecido como Revolução de Fevereiro e levou os mencheviques – grupo moderado, apoiado pela burguesia russa – ao poder. Após o acontecimento, também conhecido como Revolução Menchevique, um governo de caráter liberal foi instalado na Rússia – a República de Duma. Na liderança do governo estava o príncipe Lvov, que manteve a Rússia na 1ª Guerra Mundial mesmo sofrendo sucessivas derrotas. Seu fracasso levou à substituição de Lvov por um socialista moderado (menchevique), Alexander Kerensky, que também não retirou a Rússia da guerra. O governo provisório logo recebeu desaprovação do povo por não tirar a Rússia da 1ª Guerra Mundial e a pobreza aumentava cada vez mais, Marques (2019).

O governo de Kerensky adotou algumas medidas que agradaram à burguesia, como a anistia para presos políticos, redução da jornada de trabalho para oito horas e a liberdade de imprensa. Entretanto, os mencheviques não atenderam às reivindicações dos camponeses – por terras – e nem dos operários – por melhores salários. Com os russos ainda lutando pela Primeira Guerra e a pobreza se agravando no país, a oposição bolchevique se fortaleceu. Leon Trotsky, que liderava o soviete de Petrogrado, organizou a Guarda Vermelha – composta por operários bolcheviques. Lênin, que estava exilado na Finlândia dessa vez, voltou à Rússia clandestinamente e passou a organizar os sovietes. Para Lênin, os operários deveriam tomar o poder por meio da revolução. Com lemas simples como “pão, paz e terra”, “todo o poder aos sovietes” e promessas de reforma agrária, os bolcheviques recrutavam mais operários e camponeses para sua causa. E foi exatamente dentro desse contexto que se levantaram os bolcheviques, com a promessa primordial de na chegada ao poder estabelecer a paz, trazendo de volta seus combatentes e instalando um novo regime político, sob a ideologia socialista (MARTINI, 2016, p. 7).

Após meses de organização, os bolcheviques – apoiados pelo povo – derrubaram a República da Duma e instalaram o Conselho dos Comissários do Povo, presidido por Lênin. Começava, assim, a nova fase da Revolução Russa.

No dia 25 de outubro de 1917 em Petrogrado, os soviets estavam armados tendo o comando de Trotsky e tomaram poder das principais regiões da cidade (correio, pontes, telégrafo, edifícios públicos etc.) e até do palácio de inverno do czar. Após a queda do governo provisório e do czar, iniciou a implantação do comunismo na Rússia e os soviets aplicaram a ditadura do proletariado, momento que a classe trabalhadora assumiu o poder e realizou uma divisão igualitária das riquezas dos mais abastados para o povo russo (MARQUES, 2019, p. 211)

A partir desse episódio, conhecido como Revolução de Outubro ou Revolução Bolchevique, iniciaram-se mudanças no sistema econômico russo. Terras da Igreja, nobreza e burguesia foram desapropriadas e concedidas aos camponeses, as indústrias passaram a ser controladas pelos operários e os bancos foram estatizados. Essas ações eram guiadas pela ideia marxista de que sem propriedade não existiriam exploradores (proprietários) e explorados (trabalhadores).

Em março de 1918 a Rússia finalmente assinou um tratado de paz com a Alemanha e deixou a Primeira Guerra Mundial, aceitando entregar a Polônia, Ucrânia e Finlândia aos alemães. Além disso, os bolcheviques também instituíram o unipartidarismo no país – ou seja, apenas o Partido Comunista Russo (antigo POSDR) era permitido. Ao proibir demais partidos políticos e perseguir qualquer outro tipo de oposição, o governo mostrava-se crescentemente autoritário e afastava-se dos ideais de igualdade e liberdade. O tratado foi assinado na cidade de Brest-Litovski – atual Brest, Bielorrússia – e ficou conhecido como Paz de Brest. Martini (2016), “o acordo reconhecia a saída unilateral do exército russo da Primeira Guerra Mundial em troca da paz” assim, foi concedido os termos do tratado que declararam que o novo líder Vladimir Lênin, renunciava ao controle sobre uma extensa parte do território no leste europeu.

1.2.2 Guerra Civil na Rússia (1918 – 1921)

Os mencheviques não ficaram satisfeitos em perder o comando da Rússia e se aliaram aos aristocratas (a antiga família real). Assim, apoiados pelo Reino Unido, França, Japão e Estados Unidos – países que tinham investido capital na Rússia e temiam que uma onda socialista se espalhasse em direção ao Ocidente os mencheviques reagiram “o exército branco que foi apoiado por 10 países (França, Inglaterra, Japão, Canadá, Estados Unidos, Sérvia, Finlândia, Romênia, Turquia e

Grécia) tentou retornar ao poder e lutou contra o exército vermelho que foi criado por Trotsky” (MARQUES, 2019, p. 212).

O Exército Branco (mencheviques) entrou em confronto direto com o Exército Vermelho (bolchevique – antiga Guarda Vermelha) em 1918, o país mergulhou em uma guerra civil. Como não recebiam financiamento externo, os bolcheviques implantaram uma política econômica chamada de “comunismo de guerra” para conseguirem combater o Exército Branco. Assim, o governo confiscou toda a produção russa para destiná-la à guerra e perseguiu a oposição, considerada “anti-revolucionária”. Em 1921, o Exército Vermelho derrotou seus inimigos e “salvou” a Revolução Russa, mas teve que pagar um alto preço: a paralisação quase completa da economia por conta das guerras.

Enquanto arrefecia a vaga revolucionária na Europa central, a República Soviética vencida a guerra civil em 1920 -1921, porém com um alto custo econômico, social e político, com a queda da produção industrial e agrícola, além da miséria generalizada e do flagelo da fome em grandes regiões do país (MELO, 2010, p. 17).

Tentando reverter os efeitos da guerra civil, Lênin estabeleceu a Nova Política Econômica (NEP), uma série de medidas capitalistas temporárias. Assim, o governo autorizou a entrada de capital estrangeiro no país para que o “terreno” fosse preparado para a instalação do socialismo. Mesmo conferindo algumas liberdades econômicas ao povo – como permissão para criação de empresas privadas e comércio em pequena escala –, o Estado mantinha-se extremamente presente. A NEP deu resultados, alimentando o crescimento industrial e agrícola na Rússia, mas também aprofundou a desigualdade social. A Revolução Russa só foi acabar em 1928, quando Stálin chegou ao poder e passou a ampliar a União Soviética, anexando mais e mais territórios. Esse regime é conhecido como stalinismo.

1.2.3 A União das Repúblicas Socialistas Soviética

Eric Hobsbawm (2008 *apud* FIGUEIREDO, 2017 p, 182) define a brevidade deste século, cujo início se deu em 1914, com o advento da 1ª Guerra Mundial, e o término em 1991, com o fim da URSS. Ou seja, a União Soviética tornou-se o paradigma para a concepção política do mundo durante o século XX, especialmente, pelo advento do novo modelo de sociedade calcado em cima do marxismo-leninismo.

Os bolcheviques liderados por Lênin, derrubaram uma monarquia que já durava séculos e acabava por meio de uma sangrenta guerra civil.

No entanto, estavam passando por uma crise econômica interna, ao novo governo bolchevique, vencedor na guerra civil e absoluto no poder, restava iniciar sua história sem uma parte importante do território, que apesar de tê-lo perdido pelas boas intenções de paz, foi lamentado por muitos que se diziam humilhados, inclusive a Igreja Ortodoxa, agora a principal força de oposição ao governo estava dentro do próprio território soviético (MILHAZES, 2012). Foi um alto preço pago pelo acordo, a União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas mal começou sua existência e já renunciava à Polônia, Finlândia, dos países bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), além da Bielorrússia e Ucrânia.

Entregues ao controle dos Impérios Centrais, não demoraram nesta condição com a vitória dos Aliados na guerra, e cada um obteve sua independência – Bielorrússia e Ucrânia decidiram por incorporar a URSS (MARTINI, 2016, p. 8). Em 1922, um tratado entre Rússia, Ucrânia, Bielorrússia e Transcaucásia, território onde hoje ficam Geórgia, Armênia, Azerbaijão, formou a URSS, um bloco comunista em que não existia propriedade privada, era Estado que controlava tudo e não deixava espaço para qualquer oposição, Manáev (2020) explica que a ideia inicial de Josef Stálin era simplesmente “fundir todas as outras repúblicas em uma República Federativa Socialista Soviética com governo centralizado e uma única legislação”. O que se torna contraditório com a ideia primária da Revolução Russa que consistia em conquistar liberdade e igualdade democrática.

É interessante notar que, em 1932, Stalin era comissário do povo (equivalente a ministro) das nacionalidades da República Russa. E foi ele que, junto com Lênin, em 3 de novembro de 1917, assinou a “Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia”, que instituiu: “O Direito dos povos da Rússia à livre autodeterminação, mesmo para o ponto da separação e da formação de um Estado independente” (MANÁEV, 2020).

Oficialmente, a URSS se formou em 30 de dezembro de 1922, quando o Tratado sobre a Criação da URSS (assinado entre a República Socialista Soviética da Rússia, a da Transcaucásia, a da Ucrânia e a da Bielorrússia) foi aprovado pelo Primeiro Congresso da União Soviética. Após uma expansão espetacular, a URSS chegou a ter sobre seu domínio Rússia, Estônia, Letônia, Lituânia, Bielorrússia, Ucrânia, Moldávia, Geórgia, Armênia, Azerbaijão, Turcomenistão, Uzbequistão, Quirguistão, Cazaquistão, Tajiquistão. Que em suma representavam o bloco de 15

repúblicas em 1956. O território soviético era duas vezes e meia maior que os Estados Unidos e quase o triplo do Brasil. Possuía valiosas reservas de recursos naturais, como o gás e petróleo, que fizeram do país uma potência energética. Lênin, foi uma espécie de arquiteto da União Soviética, mas foi seu sucessor que colocou em prática seus planos, Josef Stalin seu sucessor e fiel companheiro partidário, começou no fim da década de 1920 um processo de transformação que consolidava o estado comunista como potência industrial e militar.

Lênin queria criar a URSS como base para a futura unidade de todos os países socialistas em uma República Soviética Socialista Mundial. Pelo menos é o que afirmava a Constituição da URSS (31 de janeiro de 1924). Mas, no final das contas, o plano de Stálin de tornar a URSS um Estado autoritário centralizado prevaleceu (MANÁEV, 2020, p. 5).

Stalin industrializou um país que era agrícola e desenvolveu setores estratégicos como o petrolífero, siderúrgico, químico, minerador, automotivo, aeroespacial, eletrônico e de telecomunicação. Ao mesmo tempo implementou uma repressão brutal que custou milhões de vidas e encarcerou inimigos políticos. Outras milhões de pessoas morreram durante um processo de coletivização da produção que levou a crise de fome. Com o fim da 2ª Guerra Mundial a União Soviética se consolidou como grande potência, com seu forte poder militar, se juntou a países como EUA, Reino Unido e França para derrotar os nazistas e o Japão. A aliança aconteceu apesar de duas ideologias completamente opostas — Capitalismo e Socialismo. As diferenças eram tantas que, após a Guerra, a aliança não durou muito. A União Soviética começou a implementar o seu sistema nos territórios que tinha liberado dos nazistas em parte dos países bálticos. Isso não agradou ao Ocidente, liderado pelos EUA. Essa área de influência soviética acabou se desenhando no mapa da Europa a chamada “Cortina de Ferro”, conforme a REVISTA ISTOÉ (2019) que, dividia os campos capitalistas e comunista. Como explicam Duarte e Figueiredo:

Nesta conjuntura adversa, somava-se a ascensão da política conservadora de Margareth Thatcher e de João Paulo II, um Papa radicalmente anticomunista. Formava-se, assim, uma frente contra o denominado eixo do mal (dos comunistas), capitaneada pelos EUA – e uma nova Guerra Fria recomeçaria (DUARTE *et al* FIGUEIREDO, 2017, p. 186).

Nesse contexto iniciou-se a Guerra Fria, que perdurou décadas. A Guerra nada mais era do que um período de diversas tensões diretas e indiretas entre os Estados Unidos e a União Soviética. Enquanto uma nação aplicava as ideologias capitalistas,

pregando o “sonho americano”, a outra promovia ideais comunistas como as de igualdade, o que demonstrava bem os extremos de um país se comparado ao outro:

Durante a Guerra Fria, a América encontrava-se imersa em uma luta ideológica, política e estratégica com a União Soviética, na qual um mundo de duas potências funcionava de acordo com princípios bastante diferentes daqueles de um sistema de equilíbrio de poder. Em um mundo de duas potências, não pode haver nenhuma pretensão de que o conflito conduza ao bem comum; qualquer ganho para uma das partes representa uma perda para a outra. (KISSINGER, Henry, 1997, p. 17.)

A União Soviética e os Estados Unidos passaram a ser rivais em quase tudo: desde a corrida espacial, economia e esporte, até a disputa de arsenais militares que colocou o mundo à beira de uma guerra nuclear. Ao longo desses anos a influência da União Soviética também alcançou países que não faziam parte dela, mas eram aliados indiscutíveis como a Alemanha Oriental, Polônia, Hungria, a então Tchecoslováquia, Romênia, Bulgária e Albânia. Fora da Europa, os comunistas também tinham aliados fiéis em países como Cuba, Angola e Vietnã. Mas ainda que procurasse passar internacionalmente a imagem de uma potência invencível, a União Soviética estava à beira de um colapso na década de 1980.

A BBC News Brasil (2022), relata que grande parte disso se deveu ao fator economia, apesar de não haver dados concretos porque o país não era muito transparente quanto a isso. Mas, a partir do início da década de 1980, a produtividade do país havia despencado, havia escassez de produtos de primeira necessidade. Apesar da URSS ter se estabelecido como grande potência, o seu quadro econômico era diferente do ocidente capitalista. Segundo Hobsbawm (2008), o problema desse socialismo, foi que passou por muitas entreguerras ficando por muito tempo imune a decadência da economia mundial, ele cita a depressão de 1929 como exemplo, no entanto, agora estava mais envolvido e não mais imune aos choques da década de 1970 [...] O “socialismo real”, agora enfrentava não apenas seus próprios problemas sistêmicos insolúveis, mas também, os de uma economia mundial mutante e problemática, na qual se achava cada vez mais integrado (HOBSBAWM, 2008, p. 458).

O grande enigma soviético era: Como um país tão rico em recursos minerais, especialmente o petróleo, encontrava-se em crise estrutural? Enfatiza-se o último aspecto, o petróleo, longe de ser uma solução para o desenvolvimento soviético, foi transformado em um fator de subserviência econômica. Com o aumento do preço do

petróleo deu-se margem e proporcionou o aumento de divisas internas na ordem de bilhões de dólares à URSS.

Embora o sucessor de Stalin, Nikita Khrushchev tenha feito reformas políticas, a essência totalitária da União Soviética persistiu. Com isso veio também a insatisfação popular. Foi nesse cenário que Mikhail Gorbachev, o líder que determinaria o fim da URSS, chegou ao poder. Ele queria modernizar o regime soviético com uma série de reformas que ficou conhecida como “*perestroika*” palavra que significa “reconstrução” em russo. Torna-se importante frisar o seu significado político. Duarte e Figueiredo (2017), explicam que Perestroika era uma política de transformação radical na URSS, pois buscava construir um novo homem em sintonia com a perspectiva de renovação do socialismo.

Gorbachev fez mudanças radicais na economia que aproximaram o regime soviético do capitalismo. Ele diminuiu o controle centralizado sobre muitas empresas, permitindo que alguns agricultores e fabricantes decidissem o que iriam produzir além de definir a quantidades e preços dos produtos. A criação de negócios privados como restaurantes e lojas, também foi permitido. Por conta da economia ainda fragilizada, apesar das reformas, a corrida armamentista teve seu ritmo diminuído, pois nesse momento a URSS buscava evitar o desencadeamento de mais uma guerra já que não tinha muito apoio internacional. Não demorou para esse processo enfrentar a resistência da cúpula do Partido Comunista Russo, que não queria perder poder.

Outro efeito é que grande parte da população passou a pagar caro por certos itens que antes eram subsidiados pelo Estado, neste quadro de desagregação, faltava tudo, de gêneros alimentícios a materiais de limpeza. Duarte e Figueiredo (2017), ressaltam que durante essa estagnação econômica surgiu o mercado negro e a máfia que desviavam produtos de melhor qualidade e havia também a troca de produtos com intuito de suprir o que faltava nas prateleiras das lojas do Estado, pois o governo não conseguia proporcionar à população.

Enquanto isso ocorria, Gorbachev iniciava ainda um processo de democratização. Ele convocou as únicas eleições democráticas que ocorreram na União Soviética, em que foi eleito presidente. Alguns dissidentes políticos contrários ao regime também tiveram vitórias nas urnas. Essa pressão vinda das camadas populares da sociedade acabou sendo materializada como em símbolo: A queda do muro de Berlim em 1989. Para muitos historiadores ela seria inimaginável sem as

reformas que estavam acontecendo na URSS. A queda provocou uma espécie de efeito dominó, alimentando revoltas contra o domínio soviético.

No ano de 1990 todas as repúblicas da União já haviam aprovado declarações de soberania nacional, Letônia, Ucrânia e Moldávia foram algumas das primeiras repúblicas a proclamar independência da URSS. O mundo ocidental ficou atônito com as notícias da crise econômica, política e social do Leste Europeu, esse processo acelerou em 1991, quando 11 repúblicas soviéticas decidiram se tornar independentes, nesse mesmo ano o Partido Comunista foi dissolvido. Huntington (1994), explica que todo esse processo de libertação se encaixa no que ele chamou de Terceira Onda de Democratização, no qual, os países do Leste Europeu seguiram em efeito dominó ou seja:

[...] ocorre num país uma demonstração bem-sucedida e isso encoraja a democratização em outros países, seja porque eles parecem enfrentar problemas semelhantes, seja porque tal democratização sugere que isso possa ser uma cura para seus problemas (HUNTINGTON, 1994, p. 105).

Em dezembro, os presidentes da Rússia, da Ucrânia, e o representante da Bielorrússia, firmaram o acordo de Belovesh, que poria fim à URSS e estabeleceria a Comunidade dos Estados Independentes, a CEI. Em 25 de dezembro de 1991 Gorbachev renuncia à presidência da União Soviética, uma potência que deixaria de existir, após quase 70 anos. Como bem descreve Reis Filho (2002):

O epílogo final chegara, uma vez que restava pouca coisa para Gorbachev ou mesmo nada, pois com a independência das federações e as criações das referidas comunidades esvaziavam totalmente o seu poder. Assim, quatro dias depois, Gorbachev, ainda um pouco atordoado, e não conseguindo disfarçar um certo cansaço, anunciou e assinou a sua demissão. O verdadeiramente inacreditável acontecera: a União Soviética deixara de existir” (REIS FILHO, 2002, p. 267).

Surgiram assim 15 repúblicas independentes e quatro Estados autoproclamados, que não foram reconhecidos até hoje: Transnístria, Abecásia, Ossétia do Sul e Nagorno-Karabakh. Mas o que vemos é que quase três décadas depois é que a sombra do que foi a União Soviética ainda paira pelo mundo, Rússia é a maior das ex-repúblicas soviéticas, que exerce forte influência em sua região e no mundo. A dissolução da URSS em 1991 marcou o fim do mundo bipolar, bem como o fim da Guerra Fria e deu abertura para o início de uma era mais multilateral.

1.3 A ATUAL RÚSSIA E UCRÂNIA

A Federação Russa é o maior país do mundo. Mais de 10 mil quilômetros e 11 fusos horários separam Sochi, no Oeste, de Vladivostok, no extremo Leste. (ENCICLOPÉDIA GLOBAL, 2011). O seu vasto território alcança dois continentes, a Europa e a Ásia. A parte Europeia delimitada pelos Montes Urais reúne quatro quintos da população, e as principais cidades, entre elas a capital, Moscou, e a imperial São Petersburgo. A leste do Rio Ienissei, elevam-se planaltos e serras bastante elevadas e ao Sul estende-se o Cáucaso. As planícies inóspitas da Sibéria, na porção asiática, concentram as ricas reservas minerais que fazem do país líder mundial na produção de carvão, petróleo e gás natural. No entanto, o país sofre com um impedimento. De acordo com Felício (2005, p. 164) “A grande extensão territorial, esconde uma fragilidade geopolítica, que se traduz na existência de poucas saídas para águas navegáveis”. Com uma longa costa gelada no Oceano Glacial Ártico e no Mar de Bering, restam os portos estratégicos nos mares Negro, Báltico e de Barents. Por conta disso, estudiosos das políticas sociais chamam a Ucrânia de Estado Tampão, por estar entre o lado ocidental do leste europeu e oriental da Rússia.

Segundo Leonid Kuchma, ex-presidente e político ligado às regiões mencionadas, a Ucrânia não deveria mais se colocar como uma nação entre europeus e russos, formando assim um Estado-tampão (*buffer-state*), mas sim como uma nação que une os povos eslavos ao resto da Europa (JANMAAT, 2005 *apud* EDLER, 2011).

Sendo mais específico temos a leste, a Rússia, a oeste, a União Europeia. No meio, um país que já vem sofrendo com um conflito armado desde 2014, e agora foi invadido pelo país vizinho. A Ucrânia é um dos países mais extensos da Europa, e se tornou alvo de ataques militares russos em diversas partes do território desde o último dia 24 de fevereiro de 2022. A escalada de tensão entre os dois países se arrastava há pelo menos 4 meses, e tinha no centro a região de Donbass, palco de uma guerra que fez 14 mil vítimas nos últimos 8 anos e que tem ramificações que vão bem além das suas fronteiras. Além disso, no dia 21 de fevereiro, a Rússia reconheceu formalmente a independência de duas regiões separatistas localizadas nessa área — o que abriu a porta para o conflito em maior escala na Ucrânia.

De acordo, com o correspondente de defesa Jonathan Beale à BBC News, em dezembro de 2021, (BBC News, 2021) uma invasão à Ucrânia culminaria em um

conflito amplo entre os países da Europa e seria tolice do presidente Putin tomar tal decisão, pois iniciaria uma ação contra os membros da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Ainda em dezembro de 2021, a BBC News obteve acesso de um alto funcionário de inteligência ocidental que estimava que a Rússia já teria até 100 mil soldados posicionados perto da fronteira com a Ucrânia, junto a tanques e artilharia.

Apesar das advertências dos EUA e de seus aliados da OTAN de que qualquer invasão da Ucrânia pela Rússia teria "graves consequências econômicas", o reforço da presença militar de Moscou na fronteira continuava. No entanto, segundo ele, as forças russas concentradas na fronteira ainda careciam de alguns elementos cruciais — como apoio logístico completo, estoques de munição, hospitais de campanha e bancos de sangue.

O Ocidente naquela época não tinha clareza sobre as intenções do presidente russo, Vladimir Putin. Mas, o alto funcionário de inteligência alertou sobre as "opções militares altamente prováveis na mesa do Kremlin" se as demandas da Rússia não fossem atendidas. Em uma reunião virtual com o presidente dos EUA, Joe Biden, o presidente russo Vladimir Putin, afirmou que queria garantias de que a Ucrânia não incorporaria a OTAN (BBC News Brasil, 2022). E que os membros da OTAN não teriam tropas permanentes ou infraestrutura com base na Ucrânia; e pediu para que fossem interrompidos os exercícios militares perto da fronteira da Rússia. Entretanto, a OTAN insistiu em dizer que se tratava de uma aliança defensiva, e não uma ameaça para a Rússia. Mas a organização também deixou claro que acredita que a Ucrânia tem o direito de tomar suas próprias decisões como nação soberana, e não estava disposta a dar à Rússia um veto sobre o futuro da Ucrânia.

Toda essa tensão levou ao dia 24 de fevereiro de 2022, quando a Rússia invadiu a Ucrânia, começou com uma chuva de mísseis russos direcionado para várias cidades, inclusive a capital, Kiev (BBC News Brasil, 2022). O exército russo é muito maior que o ucraniano, a Rússia tem muito mais soldados, muito mais tanques e muito mais poder aéreo que a Ucrânia. Por isso, o presidente Volodymyr Zelensky promoveu uma mobilização geral do povo ucraniano. Homens de 18 a 60 não tinham permissão para sair do país e todos os reservistas deveriam se apresentar em postos militares, além desses, todos aqueles que quisessem lutar contra os russos receberiam armas.

1.3.1 A Origem do Conflito

A Rússia é o maior país do globo e possui uma zona de influência fora do seu território, como por exemplo na Síria e Venezuela. Por outro lado, a OTAN, que foi formado em 1949 após a segunda Guerra Mundial e antes da Guerra Fria, não é um país, mas, sim a maior aliança militar criada pelos EUA e seus aliados e incorporou vários países ocidentais, tendo atualmente um total de 30 países membros (MATIAS, 2022). Devido a essa expansão a OTAN passou a aumentar sua influência pelo Leste Europeu, basicamente, o problema atual é pelo fato de a OTAN querer que as regiões perto da Rússia fiquem alinhadas com a agenda dos países ocidentais. A Rússia por sua vez entende isso como uma ameaça à sua segurança, ao seu território e ao seu povo. O que nos leva a entender, de acordo com CUKIER (2022), o porquê da Ucrânia ser uma espécie de joia da coroa nessa disputa.

Para entendermos este conflito atual é preciso olharmos para o passado. Entre os séculos IX e XIII o atual território da Ucrânia era parte da chamada Rus de Kiev, uma poderosa federação de povos eslavos que se estendia do Mar Báltico ao norte até o Mar Negro ao sul. Desde então sua história tem se caracterizado pela dominação por potências estrangeiras — O Reino da Polônia, o Império Otomano, Austríaco e, sobretudo, o Russo. A zona oriental, que antes Revolução de 1917 formava parte do Império Russo, passou a se chamar República Socialista Soviética da Ucrânia quando a União Soviética se estabeleceu em 1922. Enquanto isso, a zona ocidental se encontrava principalmente nas mãos dos poloneses.

Foi com a repartição de territórios durante a 2ª Guerra Mundial que a zona sob domínio polonês e outras áreas adjacentes foram integrados à República Socialista Soviética da Ucrânia. Em princípio também lhe pertencia a península da Crimeia, essa região estratégica, situada no norte do Mar Negro, tinha sido anexado pelo Império Russo no século XVIII e era uma demanda histórica da Ucrânia. Ainda assim, foi uma surpresa quando, em 1954, o então líder da União Soviética, Nikita Krushchev, atendeu ao pedido e passou a Crimeia de mãos russas a ucranianas. Tudo isso sob o manto comum soviético.

Em 1954, o primeiro-ministro soviético Nikita Khrushchev transferiu a Península da Crimeia da Rússia para a Ucrânia. Ambas as repúblicas faziam parte da União Soviética e respondiam perante o governo de Moscou. Contudo, em agosto de 1991, a Ucrânia se tornou um país independente,

pouco antes da dissolução da União Soviética, ocorrida em dezembro de 1991. (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 2022).

Lembremos que, em 1991, a União Soviética colapsa e a Ucrânia se consolida como país independente e mantém inicialmente uma sintonia com a Rússia que tinha sido a maior e mais influente república soviética. Com o passar do tempo, contudo, a Ucrânia passa a se aproximar mais da Europa Ocidental. A ponto de, em 2012, elaborar um acordo de associação entre a Ucrânia e União Europeia — o que obviamente incomodou a Rússia de Putin e passou a pressionar para que o acordo não saísse. Até que em novembro de 2013, quando estava tudo pronto para a assinatura, o então presidente ucraniano, Viktor Yanukovich, suspendeu as tratativas.

A decisão repentina levou centenas de milhares de ucranianos às ruas, em direção à Praça da Independência de Kiev, para pedir a retomada do diálogo com o bloco econômico europeu. Manifestação essa conhecida como Euromaidan, Gontijo (2020). O autor sintetiza que durante mais de 90 dias entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014, às ruas das principais cidades da Ucrânia foram tomadas por manifestantes e se tornaram palco de um movimento mundialmente conhecido, desde os seus primeiros dias, como “*EUROMAIDAN*”, em seguida denominado de Revolução da Dignidade.

Esse período turbulento deixou um saldo de mais de 100 mortos, até que em 22 de fevereiro de 2014, Yankovich fugiu do país. Cinco dias depois a Rússia tirou proveito dessa crise — tática comum usada por Putin, dividir para conquistar—, grupos armados pró-russos apoiados por Moscou tomaram a península da Crimeia, cravaram a bandeira russa e convocaram um referendo de independência. Em poucos dias, a região passou a ser controlada de fato pela Rússia. Mais tarde, o presidente russo Vladimir Putin, reconheceu que muitos membros daqueles grupos armados pertenciam mesmo ao Exército Russo. O ministro da defesa russo chegou a condecorar os oficiais com medalhas reconhecendo o que chamou de “recuperação da Criméia”. Com a anexação da Criméia em 2014, o atual presidente russo fez valer sua vontade no apoio ao seu povo que vive na agora antiga península ucraniana, sem demonstrar nenhuma preocupação com as vontades da OTAN ou da União Europeia, independente da opinião adversa de outras grandes nações, como os Estados Unidos (MARTINI, 2016).

Todo esse episódio marcou um ponto crítico das relações entre Rússia, Europa e Estados Unidos, provocou a expulsão da Rússia do G8, o grupo dos 8 países mais

industrializados do mundo, e a implementação de uma série de sanções econômicas por parte da União Europeia contra Moscou nos anos seguintes. — A Criméia tem uma importância estratégica pra Rússia, em Sebastopol, no sul da península, fica a principal base naval russa no Mar Negro. Desde a independência da Ucrânia, Moscou pagava uma taxa anual a Kiev pelo uso da base, algo que não precisava mais fazer depois da anexação.

Para o presidente russo, a Rússia só estava recuperando uma área que de verdade lhe pertencia, um mês depois forças pró-Rússia tomaram várias localidades no leste da Ucrânia, o que deu início a confronto armado entre o exército ucraniano e os separatistas. Segundo, Gomes (2018), a Rússia já demonstrou que pode usar a força para alcançar os seus objetivos, e exemplo disso foi a Guerra da Geórgia de 2008 e a Crise da Ucrânia 2013 e a anexação da Crimeia 2014. No dia 11 de maio de 2014, os rebeldes se declaram independentes o que chamaram de República Populares de Donetsk e Luhansk, G1 (2014) — que até hoje não são reconhecidas internacionalmente. Desde o início da chamada guerra de Donbass entre ucranianos e forças pró-russas, a OTAN tem acusado a Rússia de apoiar militarmente os separatistas, o que Moscou nega. Várias tentativas de acordo de paz entre eles o protocolo de Minsk e o acordo de Minsk II, não conseguiram estabelecer um cessar-fogo definitivo. Ucrânia, Rússia, Alemanha, França, representantes da Organização para Segurança e Cooperação da Europa e representantes das chamadas Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk participaram das conversas, mas o conflito segue fazendo vítimas no leste da Ucrânia.

A ONU denunciou a ocorrência de crimes de guerras na região de Donbass e o que chamou de “alarmante deterioração” dos direitos humanos. A entidade calcula que cerca de um milhão e meio de pessoas que moravam na região tiveram que deixar suas casas nesses 8 anos. Além das vítimas diretas no conflito, há ainda os 300 passageiros do voo da Malaysia AIRLINES (MH17/MAS17) que foi atingido por um míssil de fabricação russa no dia 17 de julho de 2014. Um episódio pelo qual nenhuma das partes até hoje se apresentou como responsável, BBC News (2020).

1.3.2 Questões Subjacentes do Conflito

Com sua enorme produção de trigo, a Ucrânia sempre funcionou como grande Celeiro de Moscou. No entanto, a relação entre os dois países nem sempre foi

amigável. Isso porque uma parte da população ucraniana sempre teve oposição ao domínio político da Rússia, essa relação conflituosa já passou por vários momentos de violência. Uma delas foi quando Josef Stalin em seu plano de coletivização de terras das suas repúblicas, se apropriou das fazendas e tomou parte da produção agrícola, e foi na Ucrânia que isso aconteceu de forma mais brutal.

Os ucranianos chamam de "holodomor", uma palavra ucraniana que significa "morte pela fome". Essa política de Stalin ao mesmo tempo que aconteciam problemas climáticos, fez milhões de ucranianos morrerem de fome entre 1932 e 1933 (BEZO, 2015). Várias regiões da União Soviética passaram fome nessa época. A Ucrânia foi a que mais sofreu porque a pressão do governo de Stalin contra os camponeses que escondiam alimentos para não entregar às autoridades ou tentavam fugir do campo e da Ucrânia para sobreviver à fome. Gerando uma revolta no povo levando uma parcela de cidadãos ucranianos a se rebelarem contra Moscou e a lutarem ao lado dos soldados nazistas achando que seria o caminho para livrar o seu país do domínio soviético. No entanto, a maior parte do povo ucraniano lutou contra os nazistas, inclusive vários judeus da Ucrânia nessa época fugiram para outros países, incluindo o Brasil, que hoje tem a maior comunidade de ucranianos fora da Ucrânia no planeta. "Uma das maiores atrocidades nazistas aconteceu na Ucrânia, foi o massacre de Baby Yar, quando cerca de 35 mil judeus de Kiev foram fuzilados em menos de 48 horas num barranco ao lado da cidade", (BURAKOVSKIY, 2015, p 378). Portanto, juntando toda a história entre Rússia e Ucrânia mais o fato de que muita gente do país tem origem russa, o resultado é um país rachado com um povo dividido em dois grupos: Ucranianos-ucranianos e Ucranianos-russos, por assim dizer.

Os dois lados têm a mesma etnia, que é o povo eslavo e tem tradições culturais muito parecidas. Mas existe uma diferença de pensamento dividindo o país, lado oeste, onde fica a capital Kiev que teve mais relações históricas e culturais com a Europa, olham com bons olhos para a OTAN e a União Europeia. No entanto, o lado leste, que fica mais próximo da fronteira com a Rússia, tem origem russa ou se identifica culturalmente com os russos. Para Mielniczuk (2004 *apud* EDLER, 2011, p. 58)

A identidade ucraniana está muito pautada na diferenciação em relação à Rússia. Os séculos sob o controle de Moscou deixaram marcas profundas que são lembradas a todo o momento por líderes nacionalistas. No que se refere às relações entre Ucrânia e Rússia, pode-se dizer que a história é mais

que um elemento formador da identidade, é uma arma retórica que legitima ou não determinada prática política.

A União Europeia e os EUA, por sua vez, veem a Ucrânia como potencial aliado em nível estratégico e militar, inclusive por sua localização geográfica — justamente o que preocupa Putin. Segundo especialistas políticos a CNN:

Um das regiões importantes desse embate está no sudoeste do país, Mariupol que permitiria a Rússia fazer um corredor entre o seu território e a Criméia. Outro ponto importante é a cidade de Kharkiv, que fica perto das áreas ocupadas pelos separatistas russos. Além, de que para a Rússia é importante conquistar Odessa um dos portos mais importantes da Ucrânia, e isolar o país do mar negro. Sem falar da capital Kiev que é um dos grandes troféus que Moscou quer nessa guerra.

Em 2008, a OTAN capitaneada pelos EUA prometeu a Ucrânia e a Geórgia, outra ex-república soviética, que seriam admitidos como membros da aliança. Naquele mesmo ano, a Rússia invadiu a Geórgia aprovando separatistas da Ossétia do Sul. O leste europeu é uma espécie de linha vermelha marcada pela Rússia, uma região na qual Putin quer evitar que a OTAN estenda sua zona de influência. A questão econômica é importante, o setor de energia é uma peça chave para entender os fatores que transcendem a disputa em si. A Rússia construiu um enorme gasoduto ligando seu território à Alemanha, batizado de Nord Stream II. A infraestrutura já está pronta, só precisa da certificação para começar a operar, porque a maior parte do gás russo que chega à Europa passa pela Ucrânia — com o Nord Stream II, ele chegaria a Alemanha sem necessariamente passar pela Ucrânia, um movimento que tiraria do país uma receita de cerca de US\$ 1 bilhão por ano, BBC News (2022).

Segundo o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, o projeto é também uma arma geopolítica do Kremlin. Uma vez que o gás não passaria mais pela Ucrânia, não haveria muitas barreiras que impedissem um potencial ataque da Rússia que poderia continuar lucrando com a venda do combustível. De acordo com a correspondente Julia Horowitz ao CNN Brasil (2022), o bloqueio do Nord Stream II teria prejuízo não apenas para a Rússia, mas também para a Europa como um todo, grande consumidora do gás do país. Ainda assim, foi isso que fez o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, que anunciou que interromperia a certificação do gasoduto.

A estratégia do ocidente foi as sanções econômicas que incluíram bancos russos, e o próprio Putin e membros do governo e elite russa, que tiveram seus bens em bancos ocidentais congelados. A retirada da maior parte dos bancos da Rússia do

sistema *Swift* (sistema bancário internacional) significa que a Rússia não consegue fazer transações com bancos e instituições financeiras em mais de 200 países. Num mundo quase totalmente globalizado, e onde países dependem muito de importações e exportações, seria um retrocesso na economia russa ficar sem suas transações.

A Rússia tem mais de 600 bilhões de dólares em reservas internacionais, a ideia era fazer a economia russa sangrar, assim que as sanções foram decretadas, o valor do rublo (moeda russa) despencou no mercado internacional, fazendo com que os russos sacassem seu dinheiro para tentar trocar por dólar. A longo prazo essa guerra econômica pode prejudicar muitos países, inclusive o Brasil. O professor Henri Ozi Cukier ou HOC, como é conhecido em seu canal no youtube, explica que pode ocorrer uma crise igual ou até pior dos anos 1990:

Em 1998, a Rússia passou por uma crise econômica violenta que fez o país suspender o pagamento das suas dívidas internacionais, porque não tinha como pagar. Gerando uma crise global que acabou com a paridade entre o dólar e o real. Pois, nos anos 90 quando surgiu o Plano Real, um real valia um dólar. E essa crise na Rússia estremeceu o mercado internacional no fim dos anos 90.

As sanções de agora podem causar uma Crise ainda pior que essa na Rússia. Ainda tem a questão da Ucrânia ser uma das maiores produtoras de trigo no planeta, o que pode afetar até mesmo o preço do pão, a ONU está projetando um aumento de 20% no valor dos alimentos no mundo inteiro por causa da guerra. Além disso, existem multinacionais de todos os setores que interromperam ou pelo menos suspenderam suas operações na Rússia, como forma de protesto. No entanto, o presidente russo afirmou que nacionalizaria os ativos de empresas estrangeiras que deixassem o país após a invasão na Ucrânia.

2 A DIMENSÃO E O PAPEL DO JORNALISMO

2.1 AS FACES DO JORNALISMO

Se pesquisarmos no dicionário descobriremos que a palavra “jornalismo” é um substantivo, cujo o conceito se define como uma atividade profissional que visa coletar, investigar, analisar e transmitir periodicamente ao grande público, ou segmentos dele, informações da atualidade, utilizando veículos de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão, entre outros) para difundi-las (OXFORD

LANGUAGES, 2022). E com todas as situações que ocorrem no mundo o jornalismo sério se torna muito importante para uma sociedade, contudo, há especificações nos meios de comunicação. Na atualidade os meios de comunicação são amplos e diversificados pelo forte poder da globalização e sua potência tecnológica tornando meios receptores mais ágeis em transmitir às informações e aumentar o interesse por diversos assuntos que nos fazem buscar os meios de acompanhar as informações, Wenzel & John (2012, p. 292) alegam que “a sociedade pós-moderna é conhecida como a Sociedade da Informação, afinal presencia-se um fenômeno único de excesso de informações”. Assim, se destaca que os meios de comunicação, são ao mesmo tempo o bombardeio de informações que são disponibilizadas, recebidas, assistidas ou lidas todos os dias. Interessante, é compreender as diferentes áreas que o jornalismo abrange de modo generalista e especializado.

Ainda de acordo com Wenzel & John (2012, p. 292), a evolução dos meios de comunicação causa “uma proliferação de meios especializados, que tentam atender a uma demanda de consumidores específicos, porém, ao mesmo tempo em que há uma democratização do público, há uma concentração por parte dos emissores”. No entanto, ressaltam que o jornalismo não se define apenas pela abordagem de um assunto específico, mas também, é característico o uso da abordagem para esse um público específico. Podemos citar como exemplos as revistas de turismo, moda, saúde & beleza, culinária e esportes, são recebidas por um público específico assim como, as revistas científicas. Para Moral & Ramírez (1993, *apud* SILVA, 2018, p 5), a informação produzida pelo jornalismo contribui para a formação de uma comunicação mais diversificada, de modo a propiciar a divulgação de informações para todos os níveis de compreensão. É preciso que a mensagem esteja com linguagem e contexto que as pessoas que não são especialistas no assunto compreendam o conteúdo, o que resulta na prática da especialização jornalística. Por meio disso podemos compreender que o jornalismo “apura, verifica, trata e compartilha informações, como também apresenta o contexto dos dados e dos acontecimentos” (SILVA, 2018, p. 5).

De modo geral, o jornalista percorre um caminho entre múltiplas áreas de conhecimento para ser o intermediário da informação verídica. O profissional que transita por estes meios tem uma responsabilidade perante a sociedade de comunicar de diferentes formas as informações, sejam elas por meio midiático, impresso ou por meio da internet. Esse conhecimento pode ser passado para pessoas que têm o mesmo nível de compreensão, aqueles que pertencem ao mesmo grupo, que usam a

mesma linguagem, tendo o ponto de vista similares, conforme explica (SILVA, 2018 p. 5) “o conhecimento obtido por especialistas ficaria em grande parte retido apenas para este grupo, a menos que fosse transmitido para o restante do público de forma compreensível”. Por esse viés, o jornalismo é a forma de disseminar conhecimento, utilizando de todos meios possíveis para manter uma sociedade informada. Silva (2018) ainda aponta que a transmissão de conhecimento está em constante aprimoramento, em conjunto com as formas de comunicação. Podendo compreender que o jornalismo possui uma responsabilidade social. Deste modo, torna-se necessário a aplicabilidade dos jornalismo de viagens e turismo neste estudo.

2.1.1 O Jornalismo de Viagens

O jornalismo padrão geralmente não aborda assuntos de interesse de um público específico, no que resulta em conteúdo não explorado, e faz com que o público procure em outros tipos de fonte. Como explica Silva (2018), o jornalismo especializado aparece como uma alternativa para abranger temáticas que não seriam exploradas com profundidade pela mídia ou outros meios de comunicação, neste caso o jornalismo de viagens. As autoras Wenzel & John (2012) acreditam que esta área não é tão explorada nas pesquisas porque o jornalismo de viagens está muitas vezes vinculado à literatura e considerado publicidade de destinos turísticos. Porém, assim como as demais especializações, “tem uma função social essencial: desvendar o outro” Wenzel & John (2012, p.291). Baseado nisso podemos estudar sobre a importância de um jornalismo especializado na área de viagens e turismo, pois, para se comunicar com esse segmento, é necessário que haja conhecimentos sobre os eventos que estão acontecendo ao redor do mundo.

Ainda segundo Lage, considerando que jornalismo de viagens é uma tendência como aplicam Wenzel & John (2012), que mesmo sendo um fenômeno recente e pouco explorado já é possível ter acesso por meio da internet e revistas tendo como exemplo a “Viaje Mais e Viagem e Turismo”. Jané (2002, *apud* Wenzel e John, 2012, p. 295) aplicam o termo jornalismo de viagens pois entendem que é um termo mais abrangente. Onde a denominação Jornalismo de Viagens se encaixa em todo processo, não apenas na parte comercial, dessa forma este tipo de jornalismo envolve a investigação do viajante até o seu destino final.

Silva (2018) leva em consideração que o jornalismo de viagens deve despertar no leitor a curiosidade pela cultura, arquitetura, gastronomia, sotaques e modo de viver, entre outros. Visto que a descrição desses elementos é o fio condutor para o público a jornada e o destino. Conforme (Tavares, 2007, p. 42) “o jornalista capta o mundo, conforma-o e informa-o através de um dizer. Diz-se sobre o mundo, para ele e, muitas vezes, por ele”. O jornalismo mostra os fatos, reconstrói narrativas e explica os fatos, logo, pode se falar do mesmo para o mundo. Silva (2018) acrescenta que se levarmos em consideração, o jornalismo serve ao mesmo tempo para conhecer e reconhecer, ele passa a ser um meio para relatar as viagens, porém, nem tudo pode ser considerado relato jornalístico, para isso é preciso utilizar técnicas. Para compreender o termo jornalismo de viagens, a autora Silva (2018), diz que é importante diferenciar o jornalismo de viagens do jornalismo turístico, sendo assim, ela apresenta que o jornalismo de viagens:

Busca contextualizar o público sobre o cotidiano do local que está sendo retratado, apresentando detalhes sobre cultura e costumes do dia a dia. Neste caso, o jornalista acaba por reconstruir a viagem a partir da utilização de descrições e de elementos do jornalismo literário, que tornam possível que o público acompanhe os acontecimentos da viagem. Ou seja, o jornalista passa a contar o mundo que ele presenciou, com o diferencial de disponibilizar informação especializada para o público. (SILVA, 2018, p. 20).

Para aprimorar o conceito dessa narrativa ela baseia-se em (BERNARDO & BONFIGLIOLI, 2011, p. 518-519) que acreditam que o jornalismo contemporâneo sob viés do jornalismo de viagens coloca questões importantes em debate, que podem contribuir de modo significativo para a forma como sujeito entenderá o que está escrito, causando reflexão da narrativa. Assim, entende-se que o jornalismo de viagens pode ser entendido como um fenômeno midiático importante atualmente, dado seu alcance e presença cada vez mais intensa em várias mídias. Os autores acrescentam que:

“o jornalismo de viagem narra, de algum modo, os encontros com culturas distintas, sinaliza a movimentação do sujeito contemporâneo, ao mesmo tempo em que confecciona as novas cartografias de descobertas, experiências e aventuras, a fim de uma tentativa de se colocar fantasiosamente naqueles lugares.” (Bernardo & Bonfiglioli, 2011, pp. 518-519)

Neste caso, o jornalista deve se aprofundar no contexto histórico, cultural e social ir à fundo nas narrativas referenciando de fontes especializadas, de forma que possa ser compreensível a realidade do local retratado. O público que gosta deste tipo de jornalismo, busca por narrativas que não sejam ficcionais, mas que retratam a fundo cada passo da viagem real, como é o caso de muitos blogs e canais de viagens no youtube que, cresceram nesse meio por mostrar o real, o autêntico e o sólido ao seu público. O interlocutor pode mostrar os acontecimentos através da sua narrativa, desde que os fatos sejam verídicos. Silva (2018), ainda acrescenta que questões como temperatura, clima, costumes, sotaques, a política, o meio de vida e até as formas de vestimentas são importantes para o jornalismo de viagens, pois, o leitor quer compor o cenário, imaginar o lugar até fazer parte daquilo. O relato não se caracteriza por vender o destino, pois, o jornalismo de viagens propõe-se a contar a experiência, contextualizar o lugar e explicar como é o lugar do outro. Assim, as principais características do jornalismo de viagens são: contar histórias a partir de crenças, de curiosidades por locais considerados diferentes, ditados populares, gastronomia, história do local, forma de se vestir, por festas populares, pelo artesanato e outras incontáveis abordagens (SILVA, 2018, p. 21). Deste modo, nota-se compatibilidade do jornalismo especializado por meio da precisão de um processo de leitura diverso sobre o mundo e a adequação de termos e lógicas a uma linguagem acessível como parâmetros para se pensar essa prática jornalística (SILVA, 2018, p. 21). O aspecto especializado do jornalismo de viagens está diretamente neste ponto, o de informar o leitor a partir de contextos e informações especializadas, independente de qual tópico será debatido, Silva (2018). É uma releitura criada dentro de um contexto que seja compreensível para o público alvo.

2.1.2 O Jornalismo Turístico

Entende-se que a relação entre o turismo e o jornalismo é de apoio mútuo para o funcionamento dos serviços turísticos, pois se complementam, visto que o turismo usa os meios de comunicação para se promover (SILVA, 2018). A movimentação em torno do turismo gera o crescimento de mídias de divulgação que visam informar sobre as viagens e os destinos turísticos. O jornalismo turístico faz parte do nicho de viagens, no entanto as características são diferentes do jornalismo de viagens, pois não possui a característica das narrativas, é direcionado a objetividade, por isso há

necessidade de explicar o papel de cada um dentro da área estudada. Mesmo com a falta de um consenso do que seria o jornalismo de turismo, a autora Silva (2018) define o jornalismo turístico da seguinte forma:

Trata-se do jornalismo especializado em turismo, o qual deve informar não apenas os turistas que queiram saber sobre monumentos e dicas de destinos para visitar, mas também todos os profissionais envolvidos nos serviços turísticos. Se o turismo liga pessoas e lugares, esta especialização jornalística é um meio para informar turistas e os profissionais da área sobre o cenário econômico, formas de transporte e serviços que as empresas disponibilizam, os destinos turísticos e outras notícias relevantes para os interessados no turismo (SILVA, 2018, p. 22).

Conforme Guerra, Gosling & Coelho (2014 *apud* SILVA, 2018), “saber das necessidades do turista é o ponto inicial para estabelecer a necessária comunicação” (p. 407). Para que isso ocorra, é preciso compreender quem é o público desta especialização. O jornalismo de turismo não é apenas uma forma de informar os turistas sobre os destinos. Apesar de serem receptores, os turistas são apenas uma parcela do público-alvo. Com o aumento relevante do turismo é necessário que haja um jornalismo específico para tratar do assunto. Mário Carlos Beni (2011), considera que com os efeitos da globalização, surgiram novas formas para identificar, desenvolver e comercializar o turismo. De modo que o turismo entrasse nos “*clusters*” e redes corporativas, como por exemplo as operadoras turísticas e empresas de transporte aéreo, a rede hoteleira e todos aqueles que podem promover turismo entre médias e grandes empresas agregadas à cadeia produtiva turística. “O interesse por destinos turísticos fomenta a cadeia do turismo e, com ele, o jornalismo especializado em turismo” (SILVA, 2018, p. 41).

Baseado nisso, podemos explicar que produzir conteúdo de qualidade é primordial para o jornalismo turístico, deve-se oferecer questões úteis e que auxiliem na abordagem do assunto para o leitor, assim, o jornalismo turístico pode traduzir informações mais curtas, mas necessitam igualmente de tratamento especializado por um profissional da área do turismo e jornalismo, pois é preciso conhecimento dos destinos turísticos. Essa preocupação em entender os fundamentos da área abordada não se reflete apenas na prática profissional do jornalismo de turismo. Nota-se a grande proliferação de revistas especializadas em turismo, entretanto, muitas vezes sem preocupação com o conhecimento da teoria do turismo, Brandão (2005, *apud* Silva, 2018, p. 23) “ao produzir conteúdo para e sobre turismo, é preciso que o jornalista especializado entenda os direcionamentos que devem ser tomados”.

3. METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia define os procedimentos e abordagens que serão utilizados no decorrer da pesquisa. Assim, todos os elementos textuais devem estar elencados para a compreensão do leitor, descrevendo a que tipo de pesquisa o estudo se refere até as etapas para sua realização. Segundo Minayo (2010, p. 46), a Metodologia “mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetos de estudo”.

Para Martins (2004, p. 291) a definição de metodologia se aplica a “uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela toda, questão técnica implica uma discussão teórica”. Assim, levando o autor a escolher com atenção os seus procedimentos metodológicos, realizando-se uma discussão teórica sobre os conceitos que os abrangem. Oliveira & Piccinini (2009) ainda discorrem sobre as escolhas de cada pesquisador e como isso afeta o resultado obtido.

Os temas de interesse do pesquisador e as questões que propõe, bem como aquelas que descarta, revelam algo particular de cada pesquisador. O desenho de pesquisa, métodos utilizados e modelos teóricos que direcionam os estudos, a escolha (e a exclusão) dos participantes e as interpretações e análises são governados por valores e, reciprocamente, ajudam a formar estes valores (Oliveira *et al* Piccinini, 2009, p. 95).

Ainda na questão dos procedimentos metodológicos Mazucato (2018), afirma que todo processo de pesquisa como um todo deve ser exequível (realizável), portanto, cabe uma atenção neste sentido. Marconi e Lakatos (2007, p. 157) afirmam, quanto à importância de direcionar a pesquisa científica para o conhecimento da realidade. “A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

Assim, os procedimentos metodológicos desta pesquisa serão exploratório-descritivo, os procedimentos de coleta serão bibliográficos e de estudo de caso, quanto à natureza da pesquisa será de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2001, p. 22) “se preocupa com as questões sociais, com um nível de realidade

que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Baseando-se também em Silva & Menezes (2000, p. 20), “a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem”. Considerando que esse tipo de metodologia é empregado com mais frequência nas pesquisas de cunho social e cultural com a análise de fenômenos complexos e específicos.

Partindo desse pressuposto e de acordo com os objetivos específicos desta pesquisa, que buscou: registrar o impacto da guerra na cultura, comunicação e na atividade turística; identificar as diferenças e semelhanças entre o jornalismo de viagens e jornalismo turístico, e demonstrar a importância que o jornalismo de viagens desempenha em uma sociedade. Adotou-se nesta pesquisa a abordagem qualitativa, porque houve a interpretação dos fatos, e conseqüentemente não há a necessidade da utilização de procedimentos estatísticos. Entende-se essa pesquisa como exploratória pelo fato que abordou o objetivo geral que busca compreender as características do tema e de forma descritiva também, os objetivos específicos. Os objetivos serão de cunho exploratório e descritiva que segundo Gonsalves (2003, p. 41-65) é caracterizada “pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de fornecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado [...] a pesquisa de cunho descritivo é aquela que busca fazer “a descrição das características de determinada população ou fenômeno”. Esse tipo de pesquisa leva o pesquisador a entender ou aprimorar seu conhecimento sobre determinado assunto, fazendo que após o seu fim, os resultados possam surgir pesquisas com novas abordagens.

Fontelles (2009, *apud* Praça, 2015), afirma que os procedimentos técnicos adotados na pesquisa científica, refere-se a qual técnica utilizará para obter os resultados previstos e imprevistos no projeto. Esta pesquisa será bibliográfica e estudo de caso. Por se voltar para um caso específico com o objetivo de entender suas características de modo mais abrangente retratando um fenômeno em um contexto real, e bibliográfica por utilizar fontes como livros, artigos científicos, notícias

televisivas, jornais e sites da internet. De acordo com (YIN, 2001, p. 67) “o estudo de caso tem sido considerado o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, em que os limites entre esses fenômenos e o contexto nem sempre são percebidos claramente”. A vantagem da pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002, p. 45) é que permite ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Os métodos são um conjunto de processos e técnicas que traçam o percurso que a pesquisa irá fazer em busca da verdade. Marconi e Lakatos (2003) dizem que o método é o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permitem alcançar os objetivos. Assim, o método é a ordem que se deve impor para os diferentes processos necessários da pesquisa, a fim de atingir o resultado desejado.

O método é a estratégia da ação, indica o que fazer. A técnica é a tática da ação, indica como fazer. O método é mais amplo, mais geral, estabelece o caminho correto para chegar ao fim. A técnica assegura a instrumentação específica da ação. Por conseguinte, um mesmo método permite a utilização de diferentes técnicas, porém, entre elas haverá uma mais adequada do que as outras. (LEÃO, 2016, p. 21).

A pesquisa se enquadra no método dedutivo e histórico porque seguiu o trajeto de constatações mais gerais, pois analisou dados bibliográficos, informações e relações já existentes para chegar ao seu resultado.

De acordo com Mazucato (2018, p. 56-58), o método dedutivo parte da premissa das teorias, leis, na maioria das vezes prediz a ocorrência dos fenômenos particulares [...] quando a questão de pesquisa remete à análise e compreensão da trajetória de um determinado fenômeno, pode ser empregado o método histórico. Com este método, busca-se compreender as “origens” ou as “raízes” de um determinado fenômeno, o que permite explicar o motivo pelo qual ele se desenvolveu, ao longo do tempo, de um modo específico.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Para a realização deste trabalho foi delimitado a área de estudo entre os países Rússia e Ucrânia que estão em guerra desde de 24 de fevereiro de 2022. A escolha

deste tema se deu no período em que iniciamos a pesquisa do protejo sobre o jornalismo de viagens nos países receptores de turismo. Na mesma época houve o anúncio da invasão russa à Ucrânia que censurou a comunicação dentro da federação russa, censurando jornalistas independentes por propagarem a mensagem de “não à guerra”. Assim, este trabalho aborda sobre a censura da comunicação na Rússia e a narrativa ucraniana na guerra que possui o regime político diferenciado, assim este estudo de caso analisa que tanto a sociedade civil dos países em guerra quanto os turistas são prejudicados pela censura tendo em vista que guerra afeta a comunicação, a cultura e o turismo.

4.2 IMPACTO DA GUERRA NA COMUNICAÇÃO

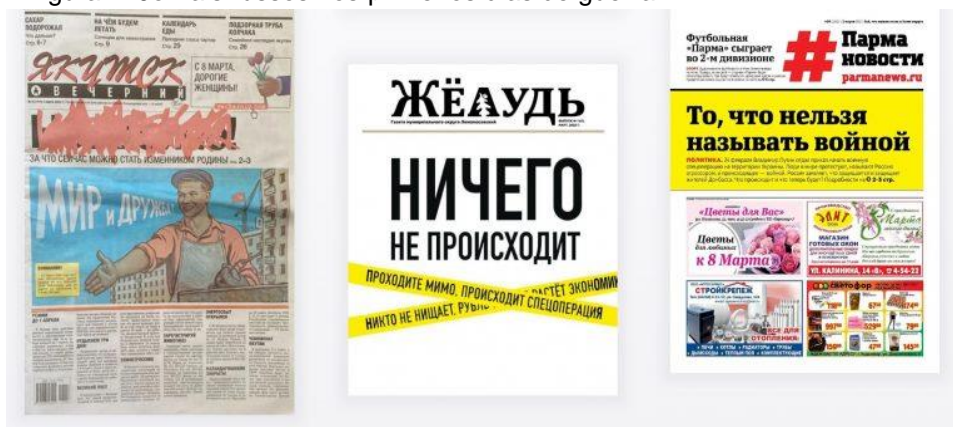
Desde o início da guerra na Ucrânia, a Rússia realizou uma censura que praticamente destruiu a mídia independente: centenas de canais foram bloqueados; alguns meios de comunicação suspenderam ou interromperam completamente suas atividades; e os jornalistas fugiram em massa do país devido a inúmeros riscos. Um projeto colaborativo desenvolvido por jornalistas russos, que estão desafiando a censura e as restrições do Kremlim aos veículos de comunicação, busca realizar um registro histórico do “antes e depois” da imprensa da Rússia com o início da guerra na Ucrânia. O “Bound by Words” (em português, Unidos por palavras) é uma iniciativa de equipes da agência de notícias Tomsk TV2 e dos sites Bumaga e Editor-22, que se uniram para compreender como a mídia local russa foi afetada desde fevereiro. O site e o canal do YouTube são alimentados com textos e vídeos produzidos por jornalistas espalhados por toda a Rússia, mostrando como o governo de Vladimir Putin suprime a mídia independente e a substitui gradualmente por um “monopólio de verdades”.

Os jornalistas lembram que no dia 24 de fevereiro, o primeiro dia da ofensiva russa contra a Ucrânia, muitos editores e diretores de veículos russos se questionaram o que aconteceria a partir dali para o jornalismo no país. Em um trecho do vídeo relatam que em pouco tempo, bloqueios de sites jornalísticos nacionais e estrangeiro, mostravam que o futuro não era promissor. A entrevista mostra que apesar de toda censura anterior à guerra, a Rússia tinha um ecossistema de mídia independente vibrante e criativo, com propostas inovadoras de comunicar notícias e análises. No site o conteúdo é transformado em texto, em russo e inglês. Em uma das entrevistas Viktor Muchnik, diz que um dia antes da invasão à Ucrânia, seu jornal

publicou uma declaração anti guerra, “sentimos que a escuridão estava se formando”, relata Muchnik. Ele complementa ao dizer que naquela época, pensava que a Rússia tentaria tomar os territórios apenas nas regiões de Donetsk e Luhansk, para ele a guerra em grande escala foi um choque, ficou claro que a repressão da mídia seria massiva, “eu pessoalmente não tinha ilusões sobre isso, concordamos imediatamente com os colegas que trabalhamos de acordo com as nossas regras, entendendo muito bem qual seria o custo”.

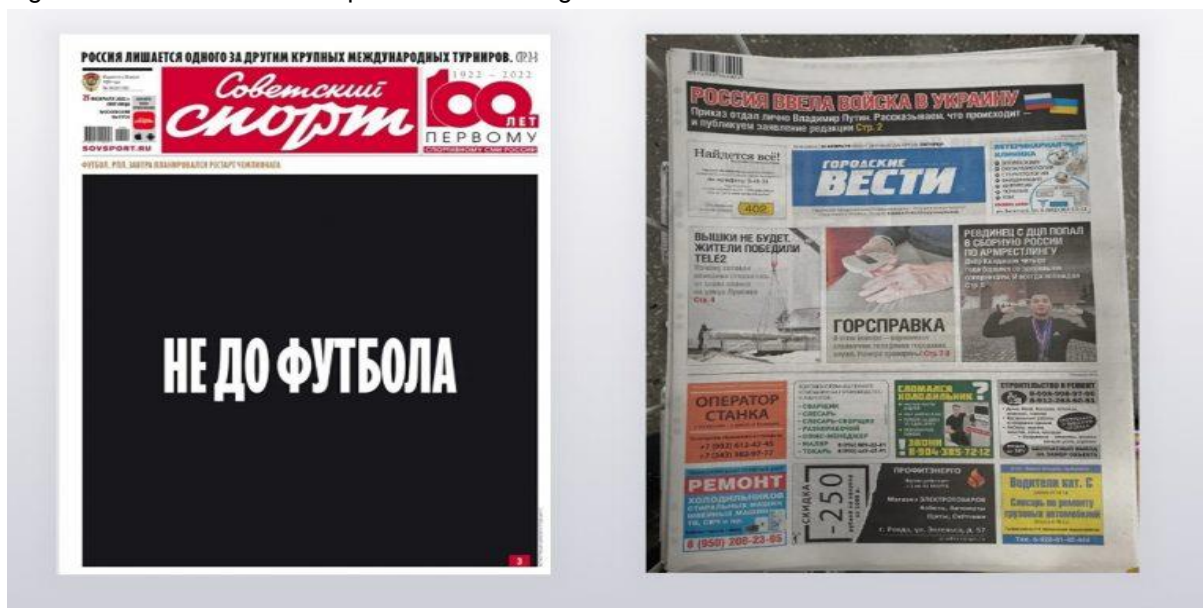
Outro conteúdo de destaque do “Bound by Words” é a coletânea das capas de jornais russos nos primeiros dias de guerra (Figuras 1 e 2). Segundo os curadores, não foram somente veículos estatais que mostraram apoio à “operação especial militar”. Os dias que se seguiram à invasão ao território vizinho foram marcados por uma imprensa dividida, com muitos jornais que não foram fundados por entidades governamentais também apoiando a ação do exército. “Essa rara unanimidade que respingou nas primeiras páginas da imprensa russa foi observada em todas as suas regiões, sem exceção”, destaca o projeto.

Figura 1: Jornais russos nos primeiros dias de guerra.



Fonte: Media Talk.

Figura 2: Jornais russos nos primeiros dias de guerra.



Fonte: MediaTalks.

Entre as represálias destacadas estão as sofridas pelo grupo editorial VK Media, que publicou em todos as primeiras páginas de seus quatro jornais mensagens anti guerra. Recebendo multa de 1,5 milhão de rublos (R \$149,2 mil). O jornal *Vsyo dlya* foi removido das bancas das cidades, por conter a frase “Não à guerra” em sua capa. Em outra região russa, a polícia exigiu informes dos gerentes das lojas que venderam o jornal *Parma-Novosti* com a manchete “O que não deve ser chamado de guerra”.

Para combater a desinformação das estatais russas a União Europeia decidiu banir alguns veículos de comunicação russos do seu território. Eles acusam que a Federação da Rússia desenvolveu uma campanha sistemática e internacional de desinformação, manipulação de informações e distorção dos factos a fim de reforçar a sua estratégia de desestabilização tanto dos seus países vizinhos, como da União Europeia (UE) e dos seus Estados-Membros. De modo a combater esta campanha, a UE suspendeu as atividades de radiodifusão de cinco meios de comunicação estatais russos no seu território: *Sputnik*; *Russia Today*; *Rossiya RTR / RTR Planeta*; *Rossiya 24 / Russia 24*; *TV Centre International*. Segundo a UE, a Rússia utiliza todos estes meios de comunicação estatais para difundir intencionalmente propaganda e realizar campanhas de desinformação, nomeadamente sobre a sua agressão militar contra a Ucrânia. As restrições contra a *Sputnik* e a *Russia Today* (assim como das suas filiais, como a *RT English*, a *RT Germany*, a *RT France* e a *RT Spanish*) estão em vigor desde 2 de março de 2022. As restrições impostas às outras três entidades estão em

vigor desde 4 de junho de 2022. Estas abrangem todos os meios de transmissão e difusão nos Estados-Membros da UE ou destinados aos mesmos, nomeadamente por cabo, satélite, TV via Protocolo Internet, plataformas, sítios Web e aplicações móveis.

Em conformidade com a Carta dos Direitos Fundamentais, essas medidas não impediram esses meios de comunicação social e o seu pessoal de realizarem atividades na UE que não sejam a radiodifusão como, por exemplo, a investigação e a realização de entrevistas.

Por outro lado, a Ucrânia notícia cada fato que ocorre ao país, o próprio presidente ucraniano (figura 3) fala sobre as ocorrências em suas redes sociais, usando de uma narrativa de comoção, ele tem atraído os olhares do mundo.

Figura 3: Presidente Volodymyr Zelensky, convocando reservistas para a guerra



Fonte: Canal Nostalgia

Sem a mobilidade de Zelensky nas redes sociais, muitas pessoas não iriam fazer ideia do que está acontecendo, sem a sua narrativa as grandes marcas não iriam boicotar a Rússia, apresentações de balé, concertos de ópera, participação na Eurovision, copa do mundo, fórmula 1, final da Champions League que foi transferida para Paris. Foram formas de manifestações dos patrocinadores contra a atitude da Rússia. Assim fica notável que quem está narrando a história é a Ucrânia por mostrar realidade e assim ganhando a atenção de vários países.

Em 28 de fevereiro, quatro dias após a invasão russa à Ucrânia, o presidente Volodymyr Zelensky, pediu à UE para ser imediatamente admitida como membro do bloco, “nos dirigimos à União Europeia para que ela admita imediatamente a Ucrânia, com base no novo procedimento especial. Estamos gratos aos aliados que estão do

nosso lado. Mas o nosso objetivo é estar com todos os europeus e, acima de tudo, sermos iguais", disse Zelensky. Como resposta, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, afirmou em entrevista à TV EuroNews que a Ucrânia é "um de nós e queremos eles conosco" na UE, mas não definiu um horizonte concreto para o ingresso do país ao bloco. Já completaram seis meses que o mundo passou a observar cenas assustadoras (figuras 4 e 5) da invasão da Rússia à Ucrânia.

Figura 4: Na imagem, uma explosão ocorreu na Capital ucraniana, Kiev, 24 fev. 2022.



Crédito: Gabinete do Presidente da Ucrânia

Figura 5: Posto da guarda de fronteira da Ucrânia destruído por bombardeio na região de Kiev, 24 fev. de 2022.



Foto: Via Reuters.

O mapa (figura 6) mostra as cidades mais atingidas pelos bombardeios russos. A Região sudeste do país é a mais dominada pelas tropas russas. O exército russo cerca Kiev, mas as forças ucranianas continuam resistindo na capital.

Figura 6: Mapa mostra a situação da guerra da Ucrânia 19/04/2022



Foto: Arte g1

4.3 O IMPACTO DA OFENSIVA RUSSA NA UCRÂNIA NO TURISMO INTERNACIONAL

Sempre que se fala em turismo, associamos o termo viagem, aos deslocamentos humanos de uma localidade (cidade, país ou região) a outra. A viagem é sem dúvida, a forma mais concreta de manifestação do turismo. Mas, o turismo é muito mais que isso. É também um campo de atividade profissional, que exige pessoal preparado para criar e gerenciar os serviços necessários à sua execução, além de ser um dos setores que mais cresce na economia mundial, atraindo investidores, gerando renda e empregos diretos e indiretos, além de ser um incentivador cultural e causar diversas mudanças sociais.

Dias (2003) descreve que os diversos conceitos de turismo podem ser analisados sob duas vertentes: um sistema econômico e uma prática cultural e social.

O conceito de turismo como sistema econômico é delineado quando se refere ao sistema de produção necessário para realizar a viagem, onde estão presentes várias empresas que oferecem uma variedade de produtos e serviços com o objetivo de atender ao cliente turista. O turismo é visto, então, como uma atividade geradora de emprego e renda e um grande indutor da economia local, regional, nacional e mundial. O conceito de turismo como prática social e cultural se estabelece no momento em que o turismo é responsável pela construção de relações entre turistas e residentes. Visto, então, não apenas como um fenômeno econômico, mas também como um fenômeno social. O turismo tem sido responsável por mudanças sociais e culturais nos destinos. Turistas, destinos e moradores das regiões receptoras de turistas influenciam e são influenciados. É importante destacar que as definições oficiais estabelecidas pela ONU e publicadas pela OMT são meramente técnicas e surgem como tentativa de se criar um parâmetro mundial para que se possa chegar a parâmetros estatísticos mais padronizados em nível mundial. A criação de um sistema estatístico mais padronizado busca, segundo Sancho (2001) em livro publicado pela OMT, contribuir para: a medição e análise da demanda; obter informação sobre a oferta; avaliar o impacto direto e indireto do turismo sobre os destinos e fluxos mundiais; auxiliar no planejamento dos destinos turísticos e na implantação de novos empreendimentos; a determinação dos padrões atuais de viagens e formulação de estratégias de marketing; identificar as mudanças dos fluxos, padrões e preferências dos turistas, entre outros.

O turismo diz respeito às atividades desses indivíduos assim como às suas despesas com serviços, como transporte, hospedagem e comércio. A OMT desempenha o papel de “promover e desenvolver o turismo como um meio significativo para fomentar a paz e o entendimento internacional, o desenvolvimento econômico e o comércio mundial”. Contudo para que o turismo possa ser realizado de forma correta e segura é preciso ter informações sobre os destinos turísticos, o Código Mundial de Ética do Turismo (1999), afirma que os governos têm o direito e o dever, especialmente em casos de crise, de informar aos seus cidadãos das condições difíceis, e mesmo dos perigos que eles possam encontrar, por ocasião de seus deslocamentos ao exterior. Portanto, deve-se fornecer informações sem prejudicar, de forma injustificada ou exagerada, o turismo nos países receptores de fluxos turísticos e os interesses de seus próprios operadores. Ainda de acordo com o Código, o conteúdo de eventuais avisos deve ser previamente discutido com as autoridades

dos países de destino e com os profissionais interessados. As recomendações que sejam formuladas serão estritamente proporcionais à gravidade real das situações e limitadas às zonas geográficas onde a insegurança estiver comprovada; estas recomendações devem ser atenuadas ou anuladas logo que o retorno à normalidade o permitir.

4.3.1 A paralisação do turismo na Ucrânia e na Rússia

A ofensiva militar da Rússia na Ucrânia representa algo negativo para o turismo internacional. O turismo no continente europeu estava retornando as atividades, após a pandemia do Covid-19, no entanto com a guerra no acontecendo entre Rússia e Ucrânia surgiram novas ameaças para a atividade turística a Comissão Europeia de Turismo (European Travel Commission - ETC) reuniu especialistas e entidades turísticas para falar sobre os possíveis impactos que o turismo na Europa pode sofrer devido ao conflito. Entre as projeções estão preços mais altos e resistência de turistas em relação aos países do Leste Europeu. De acordo com a diretora da ECT, Valentina Superti, o turismo representa 10% do PIB total da Europa e gera cerca de 23 milhões de empregos. O presidente do órgão, Luís Araújo, acrescenta que o setor turístico passou a ser considerado como um dos 14 ecossistemas econômicos da região. A entidade ainda afirma que as principais causas que podem afetar o turismo na região seriam a perda de espaço aéreo na Rússia, impactos no valor do Rublo russo e a perda de turistas russos em outros países do bloco; sentimento de receio por parte de turistas pode afetar interesse a longo prazo; impactos econômicos como aumento de inflação e aumento dos custos do petróleo, Cetrone (2022). Os destinos mais impactados (além da Rússia e Ucrânia) são a República da Moldávia, com uma queda de 69% nos voos desde de 24 de fevereiro (em comparação com os níveis de 2019), Eslovênia (-42%), Letônia (-38%) e Finlândia (-36%) segundo dados da Eurocontrol. As reservas russas de voos de saída também caíram no final de fevereiro e início de março, mas desde então se recuperam de acordo com dados da Forwardkeys. Diante da alta tensão entre os países, os roteiros turísticos estão bloqueados, mas tanto a Rússia quanto a Ucrânia possuem atrativos turísticos de forte proporção.

A Ucrânia é considerada uma das maiores e mais antigas cidades europeias. Ela possui cerca de 2 mil quilômetros de extensão e o turismo no país é bem variado. Na capital, Kiev, pode-se visitar, várias igrejas antigas como a Catedral de Santa Sofia

(figura 7), a Praça da Independência de Kiev (figura 8), o Conjunto do Centro Histórico de Lviv (figuras 9 e 10), e ainda o Mosteiro de São Miguel das Cúpulas Douradas, e a Igreja de Santo André. A Ucrânia abriga 7 Patrimônios Mundiais tombados pela Unesco nos anos que estão entre parênteses ao lado de cada um sendo eles: Catedral de Santa Sofia¹ de Kiev, Conjunto de Edificações Monásticas e Monastério de Kiev-Petchersk (1990); Lviv; Conjunto do Centro Histórico (1998); Arco Geodésico de Struve (2005). E ainda as Florestas Primárias de Faia dos Cárpatos (2007); residência dos Metropolitanos da Bucovina e da Dalmácia (2011); Cidade Antiga de Queroneso e sua Chora (2013) e Tserkvas de madeira da região dos Cárpatos na Polônia e Ucrânia (2013).

Além dos Portões Dourados de Kiev e o Arco da Amizade entre as Nações. Também fazem parte da lista de passeios imperdíveis de Kiev, a visita ao Museu do Estado Ucrâniano da Grande Guerra Patriótica e o Monumento da Mãe Pátria. Os brasileiros que desejam visitar a Ucrânia não precisam de visto para entrar no país. O inverno ucraniano é intenso, então os melhores meses para turismo são julho e agosto, quando é verão no país. Na alta temporada nas áreas litorâneas, ou seja, os investimentos na viagem aumentam. A melhor sugestão para driblar o período é viajar para a Ucrânia entre maio e julho ou setembro e outubro, ou seja, fora da alta temporada.

Figura 7: Catedral de Santa Sophia.

¹ Projetada para rivalizar com a Hagia Sophia em Constantinopla, a Catedral Saint-Sophia de Kiev simboliza a 'nova Constantinopla', capital do principado cristão de Kiev, que foi criada no século 11 em uma região evangelizada após o batismo de São Vladimir em 988. e a influência intelectual de Kyiv-Pechersk Lavra contribuíram para a disseminação do pensamento ortodoxo e da fé ortodoxa no mundo russo do século XVII ao século XIX.



Foto: Martina Andersen.

Figura 8: Praça da Independência de Kiev



Fonte: Sergei Supinsky.

Figura 9: Conjunto do Centro Histórico de Lviv.



Fonte: UNESCO

Figura 10: Conjunto do Centro Histórico de Lviv.



Fonte: UNESCO

² A cidade de Lviv, fundada no final da Idade Média, foi um florescente centro administrativo, religioso e comercial durante vários séculos. A topografia urbana medieval foi preservada praticamente intacta (em particular, há evidências das diferentes comunidades étnicas que ali viveram), juntamente com muitos belos edifícios barrocos e posteriores.

A cidade de Chernobyl se tornou um dos principais destinos do segmento Turismo Mórbido, conforme o *Tourist Info Center* (figura 11), depois de mais de 30 anos do acidente da usina nuclear, o interesse dos turistas aumentou após o sucesso da minissérie "Chernobyl" da HBO, vencedora de 10 prêmios Emmy, o principal da TV americana. Segundo o artigo publicado pela Revista Galileu (2019) na época da estreia da produção, houve um acréscimo no número de turistas e uma inflação nos preços praticados por lá – a taxa de autorização para uso de drones, por exemplo, subiu de 50 euros para 300 euros. Chernobyl é apenas uma das cidades que tiveram que ser evacuadas após o acidente nuclear em abril de 1986.

O objetivo dos ucranianos era mudar a identidade do local da catástrofe para uma espécie de memorial ao ar livre, onde constam no roteiro: Ruínas contemporâneas do Parque de Diversões em Pripyat (figura 12); Visita a Sala de Controle (figura 13), e o Sarcófago que cobre o reator 4 de Chernobyl para deter a liberação de radiação (figura 14). Desde 2010 o governo mede constantemente os níveis de emissões radioativas. Quando estão baixos, a Ucrânia permite a entrada de visitantes, que, durante toda a jornada, mantêm junto ao corpo um medidor de radiação individual e, obrigatoriamente, passam diversas vezes pelos dosímetros oficiais. É importante destacar que com a invasão russa foi tomada a área da usina de Chernobyl que ainda tem muitos resíduos nucleares e registrou um aumento de radiação no ar da região devido aos tremores do solo provavelmente causados pelos ataques (figura 14). A região da usina é um importante símbolo e foi um dos desastres que levou ao fim da URSS.³

Figura 11: Posto de informação ao turista

³ As consequências do acidente de Chernobyl foram profundas, sobretudo para três países: Ucrânia, Bielorrússia e Rússia, todas as três antigas repúblicas da União Soviética. Nas questões políticas, o acidente de Chernobyl reforçou as medidas do governo de Mikhail Gorbachev (então presidente da URSS) de realizar o desarmamento nuclear da União Soviética.



Foto: Getty Images

Figura 12: Ruínas contemporâneas: parque de diversões em Pripyat.



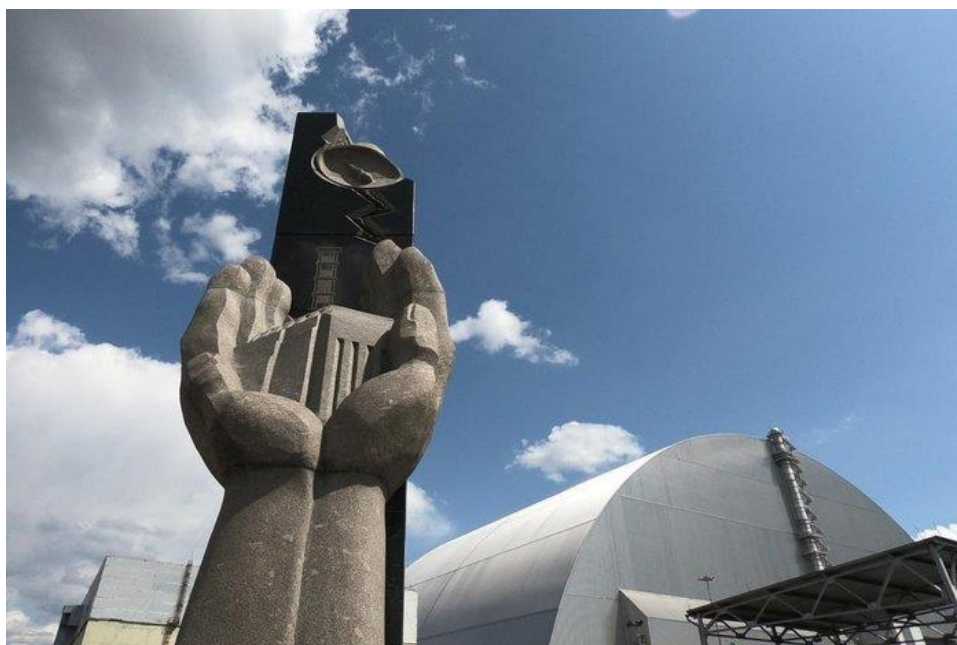
Fonte: Marcelo Bandeira.

Figura 13: Visita a sala de controle faz parte do roteiro.



Fonte: Marcelo Bandeira

Figura 14: O sarcófago que cobre o reator 4 de Chernobyl para deter a liberação de radiação.



Fonte: Marcelo Bandeira

Pripyat é uma cidade que se transformou em uma floresta. Mas é uma floresta onde reina o silêncio, porque os animais também morreram ou fugiram, principalmente os pássaros. Quanto a Chernobyl, é lá que vivem os atuais 150 moradores da zona de exclusão e onde fica o único hotel da região. Apesar da presença humana, o cenário é desolador, pois a cada casa ocupada com seus jardins bem cuidados existem outras 10 abandonadas bem ao lado. A chegada dos turistas, além de um

fomento financeiro, serve como uma janela para o mundo. É como entregar para esses moradores uma sensação de humanidade – de pertencerem novamente a uma comunidade segundo relato de turistas que estiveram no local.

A Rússia também obtinha um turismo popular por fazer fronteira de noroeste para sudeste com a Noruega, Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia, ambas por meio do enclave de Kaliningrado; Bielorrússia, Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão, Cazaquistão, China, Mongólia e Coreia do Norte. Além de possuir fronteiras marítimas com o Japão, pelo Mar de Okhotsk e com os Estados Unidos, pelo Estreito de Bering.

Em Moscou, estão instalados os balés Kirov e Bolshoi, e muitos teatros. Os resorts localizados no Mar Negro ou Vladivostok no Mar Báltico, da Sibéria são muito procurados por turistas. A região central do país é a mais visitada, a maior parte dos itinerários ocorre entre Moscou e São Petersburgo, nas duas cidades se encontram palácios, igrejas, restaurantes e casas noturnas. Não existem voos diretos do Brasil para Rússia, somente com conexão. Moscou, a capital, é um destino necessário e um dos principais exemplos da grandiosidade do turismo na Rússia. A cidade é moderna e rica em cultura, o que resulta em uma única e interessante mistura.

Moscou também é reconhecida mundialmente como um polo de luxo. Um dos principais pontos turísticos de Moscou é a Praça Vermelha (figura 15), famigerado cenário de cartões postais é rodeado por construções históricas, como a colorida e impactante Catedral de São Basílio, o Mausoléu de Vladimir Lenin (figura 16), o Portão da Ressurreição e o Kremlin (figura 17), uma antiga e grandiosa fortaleza considerada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Outras atrações carregadas de história em Moscou são a Catedral de Cristo Salvador, o Convento de Novodevichy, considerado Patrimônio Mundial da UNESCO; as imponentes Sete Irmãs, conjunto de arranha-céus construídos no estilo stalinista; e o Bunker 42, abrigo utilizado por Stalin durante a Guerra Fria, onde pode-se conhecer os túneis a 20 andares abaixo do solo, o escritório de Stalin e contemplar o Museu da Guerra Fria. Há também roteiros turísticos no lago Baikal (figura 18) que é um antigo e extenso lago na região montanhosa russa da Sibéria, a norte da fronteira com a Mongólia. Considerado o lago mais profundo do mundo, está rodeado por uma rede de trilhos de caminhada denominados Great Baikal Trail. A vila de Listvyanka, na costa ocidental, é um ponto de partida popular para excursões de verão de observação de vida selvagem, bem como para patinar no gelo e passear em trenós puxados por cães.

Figura 15: Praça Vermelha.



Fonte: UNESCO ⁴

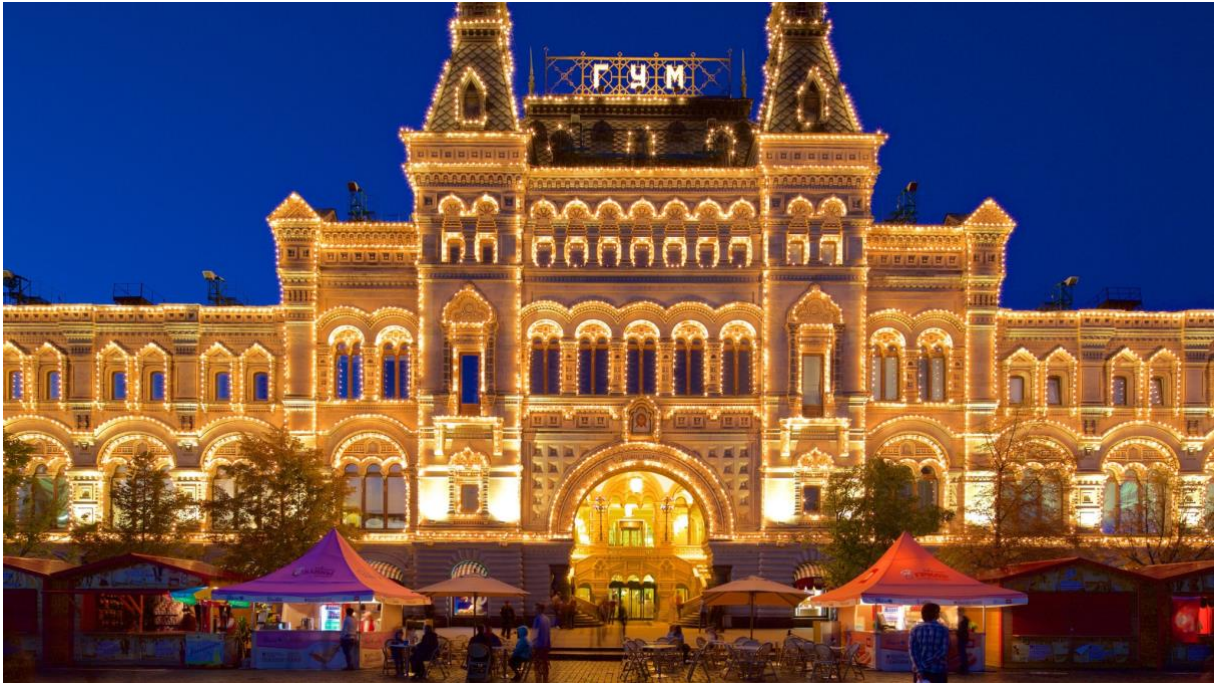
Figura 16: Mausoléu de Lenin



Fonte: Google imagens.

Figura 17: Conjunto arquitetônico do Kremlin

⁴ Símbolo do poder imperial e da antiga União Soviética, a praça foi o centro de um dos conflitos entre duas das principais potências mundiais que marcaria a história da humanidade. Durante o período da União Soviética, a Praça Vermelha de Moscou se tornou o cenário ideal para os desfiles militares.



Fonte: UNESCO

Figura 18: Lago Baikal, na Sibéria, atrativo turístico



Fonte: Fred Tour.

A maioria dos atrativos turísticos desses dois países são tombados como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, no entanto, com a guerra sofrem sérios danos. A capital da Ucrânia é a que mais está perdendo bens por conta dos ataques aéreos. As entidades não conseguem chegar a um acordo entre Rússia e Ucrânia,

desta forma o turismo na região não tem previsão de volta. As linhas de cruzeiro responderam à nova situação. A Norwegian Cruise Line cancelou todas as viagens à Rússia. Logo depois, a TUI Cruises, a MSC Cruzeiros e a AIDA Cruises seguiram o exemplo. Nenhum de seus navios fará escala no porto de São Petersburgo este ano. A Phoenix Reisen, uma agência alemã que oferece cruzeiros marítimos e fluviais, cancelou os passeios ao longo do rio Volga, na Rússia, em abril e maio.

4.3.2 O impacto na economia

A invasão russa na Ucrânia impacta questões políticas, econômicas e comerciais de todo o mundo, o mercado financeiro foi afetado e, aparentemente, nenhum setor econômico está imune. Certamente as perdas humanas são o principal ônus da guerra. Mas, juntamente com a catástrofe humanitária, os efeitos econômicos já começaram a ser sentidos em muitos setores. Para Marten Lange-Siebenthaler, da Dreizackreisen, uma agência de viagens especializadas em destinos do leste europeu, este assunto torna-se inadequado visto que muitas mortes estão acontecendo, “essas questões são ofuscadas pelas muitas pessoas morrendo e centenas de milhares fugindo da Ucrânia. Isso realmente importa agora”. Mas infelizmente, a subsistência de milhares de pessoas na Europa depende exclusivamente do turismo e das viagens, motivo pelo qual as agências de viagens, companhias aéreas, hotelaria e operadores de cruzeiros estão preocupados.

Logo após o anúncio da invasão russa a Ucrânia, segundo o canal CNN (2022), países como EUA e Reino Unido aconselharam seus cidadãos a deixarem o país invadido e desaconselharam viagens à Ucrânia, ainda baniram aeronaves civis russas do seu espaço aéreo, Polônia e a República Tcheca também fecharam seu espaço aéreo para as companhias russas. A Agência de Segurança da Aviação da União Europeia (EASA, sigla em inglês) alertou sobre um alto risco para aeronaves civis voando perto da fronteira ucraniana (figura 19), temendo mísseis de médio alcance.

Figura 19: Espaço aéreo da Ucrânia fechado após invasão



Foto: CNN/Reprodução.

Em uma entrevista cedida ao jornal CNN em 25 de fevereiro, um dia após a invasão russa na Ucrânia, Przemysław Marczewski, representante da Organização Nacional de Turismo da Polônia, disse que “as viagens para a Polônia são tranquilas e as fronteiras da República da Polônia com os países vizinhos não estão fechadas”. Marczewski observou que as fronteiras terrestres polonesas com a Ucrânia estão abertas a refugiados (figura 20), e que o setor de viagens e turismo está apoiando os cidadãos ucranianos com acomodações temporárias em hotéis. Os turistas com planos a curto prazo para visitar a Polônia são aconselhados a reservar alojamento com antecedência, “pois parte da infraestrutura hoteleira pode ser destinada a quem precisa”. Desde o início da guerra mais de 3 milhões de civis deixaram a Ucrânia tornando-se refugiados, a ONU estima que até 7 milhões de pessoas possam deixar o país, o que é equivalente a 15% da população ucraniana que tem cerca de 44 milhões de habitantes.

Figura 20: Refugiados da Ucrânia descansam após chegarem à Polônia.



Foto: Grzegorz.

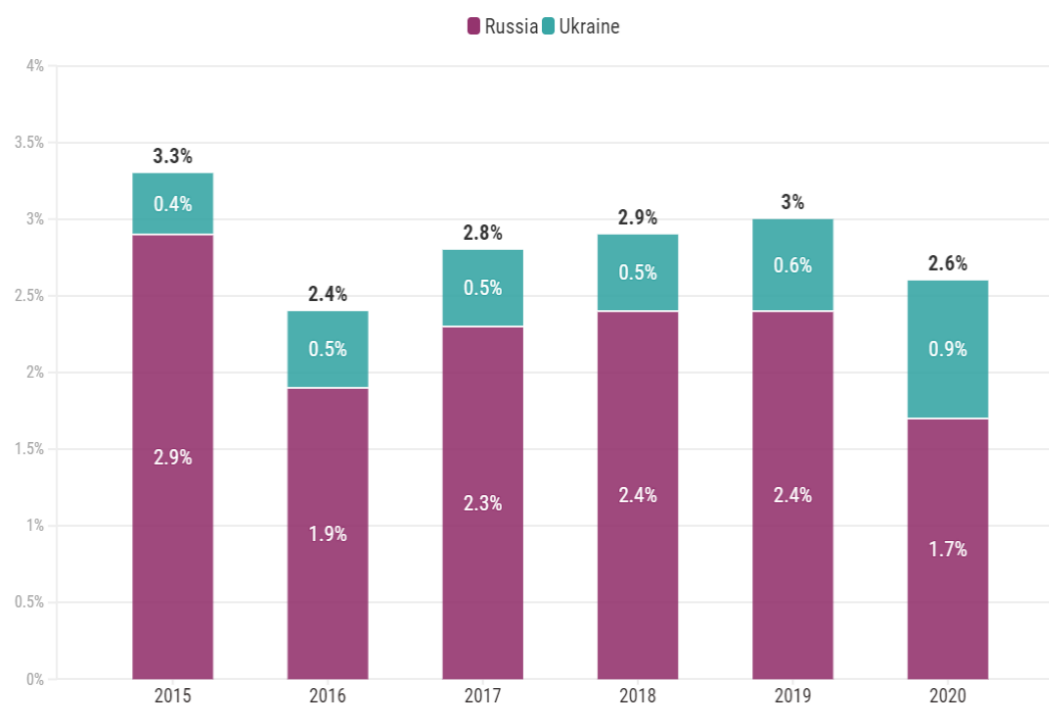
“Para a aviação, a segurança é sempre a principal prioridade”, disse Willie Walsh, diretor-geral do órgão da indústria aérea da Associação Internacional de Transporte Aéreo, em uma nota enviada à CNN em 24 de fevereiro. As companhias aéreas agora esperam um longo bloqueio das rotas de voo Leste-Oeste, essas restrições colocaram pressão adicional sobre as transportadoras, de acordo com Wolf-Dietrich Kindt, da Federação da Indústria de Aviação Alemã (BDL, na sigla em alemão). “Os voos com destinos ao Extremo Oriente, que normalmente passam pela Rússia, precisam contornar a área usando rotas alternativas”, diz Kindt. “Isso significa que os voos vão demorar mais e cobrir distâncias maiores, o que aumenta o consumo de combustível e os custos para as transportadoras”, explica.

A guerra na Ucrânia também fez com que os preços do petróleo subissem, ultrapassando temporariamente a marca de 100 dólares por barril. Esse aumento nos custos de combustível aumentará ainda mais a pressão sobre o setor de aviação, que se recupera lentamente de meses de restrições de viagens relacionadas à pandemia. De fato, especialistas em turismo confirmaram que viagens para a Polônia ou os países bálticos, por exemplo, continuam sendo possíveis. Os turistas devem, no entanto, ter em mente que a crise humanitária que se desenrola na Ucrânia está se espalhando para os países vizinhos. Um relatório emitido pela Organização Mundial de Turismo, OMT, em janeiro de 2022 aponta o crescimento do número de viagens, e antes da ofensiva da Rússia, superava os resultados totais do ano anterior. Em 2019, os gastos russos com viagens ao exterior atingiram US \$36 bilhões e os ucranianos, US \$8,5 bilhões. Em 2020, esses valores caíram para US \$9,1 bilhões e

US \$4,7 bilhões, respectivamente. Segundo a organização o setor que estava abalado após dois anos de pandemia vinha se mostrando resiliente, no entanto, a guerra despertou novamente um sinal de alerta para o setor turístico, a entidade avalia que o conflito entre os dois países aumenta a pressão das incertezas econômicas existentes, além da continuação de muitas restrições de viagens relacionadas ao Covid-19 que estão em vigor. Este cenário afeta a confiança geral e dificulta a recuperação do turismo trazendo novos desafios ao ambiente econômico global. Apesar do país não ser um grande destino turístico de férias, ele faz parte da rota de países do leste europeu que praticam o turismo cultural.

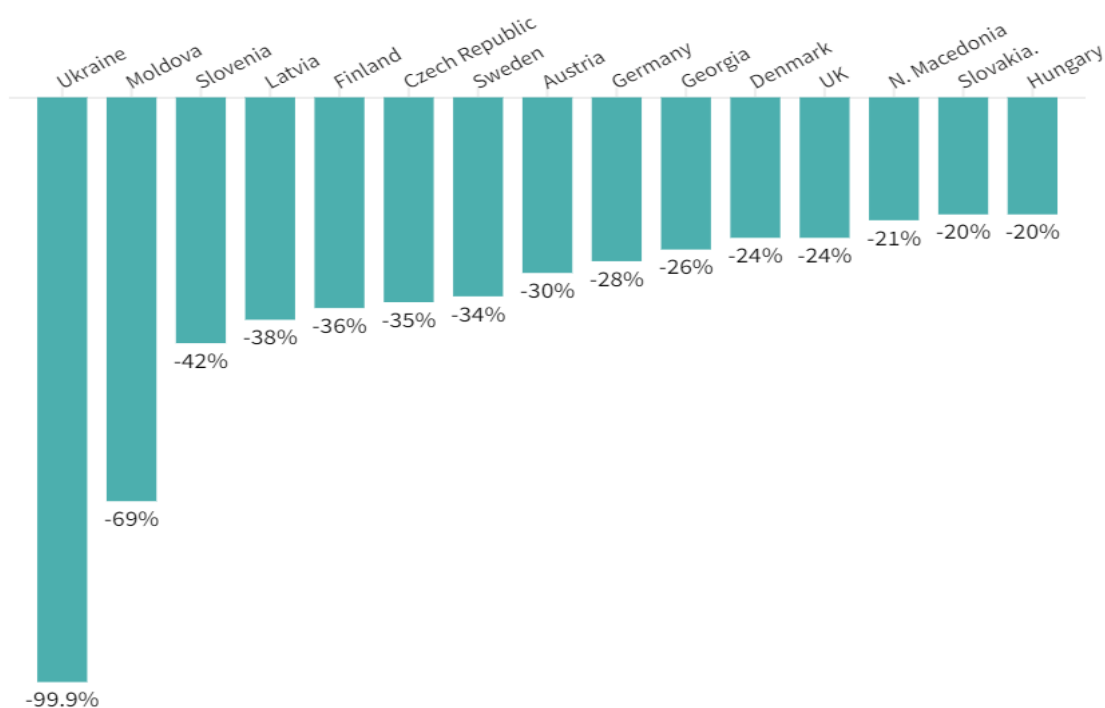
Como destinos turísticos a Rússia e a Ucrânia representam 4% das chegadas de turistas internacionais na Europa, mas apenas 1% das receitas do turismo internacional da Europa segundo a OMT. A importância de ambos os mercados é significativa para os países vizinhos, mas também para os destinos europeus de sol e mar. O mercado russo ganhou peso significativo durante a crise em destinos de longa distância como Maldivas, Seychelles e Sri Lanka.

Figura 21: Gastos com turismo internacional da Rússia e Ucrânia (% do total mundial)



Fonte: Eurocontrol

Figura 22: Países europeus com maior declínio no número de voos de 24 de fevereiro a 11 de maio de 2022 (variação percentual em relação a 2019).



Fonte: Eurocontrol

=-

4.4 A IMPORTÂNCIA QUE O JORNALISMO DE VIAGENS DESEMPENHA NA SOCIEDADE

Com as restrições de viagens por causa da guerra na Ucrânia, o turismo segue em recuperação, ainda que abaixo do nível pré-pandemia, onde o turismo global chegou a atingir cerca de US \$1,48 trilhão. Um levantamento realizado pela OMT em abril deste ano, aponta que os turistas estão cada vez mais saindo de férias no exterior, com aumento de 130% em janeiro de 2022 em comparação com o mesmo período em 2021. Esse número corresponde ao acréscimo de 18 milhões de viajantes internacionais ao redor do mundo e é equivalente ao aquecimento total observado no ano passado. Embora a recuperação de partidas internacionais tenha voltado a crescer em todas as regiões do mundo, há destaques para a Europa e Américas, onde se espera o aumento de 69% dos níveis de 2019, chegando a 102% em 2024, a OMT aponta que Rússia e Ucrânia responderam por um total combinado de 4% dos gastos globais em turismo internacional em 2020 e pelo menos US\$ 14 bilhões em receitas globais de turismo podem ser perdidos se a guerra durar mais tempo.

Deste modo fica explícito que o turismo é uma força na economia mundial, é uma atividade de importância e significados. O crescimento significativo dessa

atividade se dar pelo papel que a atividade assumiu para as entidades globais, o turismo é apontado como um indutor da paz mundial, pelos seus benefícios da “mesclagem de povos e culturas, pelas vantagens econômicas que podem advir e pelo fato de que o turismo é uma atividade relativamente limpa” Cooper, 2001. O turismo foi reconhecido como embaixador e veículo de entendimento entre os povos e da paz no ano de 1980, pela ONU, na Conferência Mundial de do Turismo realizado em Manila, “o turismo mundial pode ser uma força vital para a paz mundial”, foi afirmado pela “Carta de Columbia”, elaborada na 1º Conferência Global: Turismo – Uma Força Vital para a Paz, realizada em Vancouver em 1988.

Neste momento, marcado pelo surgimento de novas tecnologias e pelo ressurgimento de antigas necessidades humanas, os meios de comunicação e as viagens passam a ser também encarados a partir de novos paradigmas de compreensão social. as novas tecnologias de longe alcance se inovam cada vez atingindo a nível global em grandes proporções. A comunicação pode ser definida por termos complexos, mas Cooper, (1968) descreve a comunicação como transmissão de “ideias e informações”. O Código Mundial de Ética do Turismo ressalta que a imprensa, sobretudo a imprensa especializada em turismo, e os outros meios de comunicação, incluindo os modernos meios de comunicação eletrônica, devem fornecer uma informação honesta e equilibrada sobre os acontecimentos e situações suscetíveis de influência na frequência turística. Igualmente, devem ter por missão o fornecimento de indicações precisas e fiáveis aos consumidores de serviços turísticos. Godoy, *apud* Zardo, 2001, explica que:

“turismo e comunicação são indissociáveis para o bom desenvolvimento da atividade, uma vez que é somente através da comunicação que o turista irá alcançar o produto que deseja consumir, além de obter variadas informações e novidades de consumo em turismo. Assim, a linguagem jornalística facilita a compreensão do consumidor acerca das informações pertinentes ao seu consumo turístico”. (GODOY, *apud* ZARDO, 2001, p.97)

A relação da comunicação com o turismo se torna importante não só pelo fato de evidenciar uma localidade, mas também de propiciar ao leitor meios de aguçar a curiosidade, o interesse pelo local estudado. Não promovendo apenas o destino turístico, mas interagindo com aquele lugar, através da experiência gastronômica, do relato cultural, do entendimento sobre aquela sociedade. Por isso a importância de um jornalismo que possa transmitir de forma consciente as informações de uma

viagem. Segundo Avighi (1992) um fator que melhorou a experiência das viagens foi a fotografia, pois garante uma identidade visual aos locais e atrativos e torna as publicações mais reais para o leitor. Na era da informação e dos meios de comunicação mais acessíveis, Gastal (2004) lembra que os diferentes tipos de deslocamento terão em comum a presença de imagens e imaginários “imagens porque, na própria cidade ou no estrangeiro, antes de se deslocarem para um novo lugar, as pessoas já terão entrado em contato com ele visualmente, por meio de fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na internet”, e autora ainda acrescenta que “imaginários porque as pessoas terão sentimentos, alimentados pelas amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local ‘romântico’ outro ‘perigoso’, outro ‘bonito’, outro ‘civilizado’” (GASTAL, 2004, p. 13).

Neste contexto, as cidades para serem consideradas turísticas necessitarão, cada vez mais, dos aparatos midiáticos para chegarem a fazer parte dos sonhos, imaginários, planos e agendas dos turistas. Neste cenário o jornalismo exerce especial função devido a credibilidade que lhe é conferida pelo público. Como uma espécie de narrativa do real, o jornalismo efetua representações de cidades e povos aos quais são atribuídos imaginários e identidades que serão percebidos como atrativos pelo leitor. Com isso, percebe-se que, em ampla medida, as imagens e discursos da mídia constroem o imaginário turístico sobre as mais diversas localidades, Falco (2011). Para realizar tal contato com o público as características do jornalismo de viagens geralmente são: 1) efeito de presença e participação, 2) caráter narrativo das reportagens, 3) presença da subjetividade no texto jornalístico, 4) uso da informalidade como recurso narrativo. Em uma análise geral o jornalismo busca ser o interlocutor e mediador, a nível de facilitar a compreensão do leitor, desta forma, o jornalismo de viagens deve seguir a mesma premissa baseado nos fatos atuais da sociedade, buscando sanar qualquer dúvida e sempre investigar e descrever da forma mais acessível para o público que se interessa por este tipo de relato.

Se faz necessário que o profissional tenha compreensão sobre a atividade turística, economia, comunicação e a cultura, em busca de expandir a realidade sobre determinado lugar através do olhar epistemológico do turismo. Se torna necessário a presença de bacharéis em turismo para escrever a história a ser contada de forma consciente, respeitando o limite cultural e social. Assim, destaca-se que a importância do jornalismo de viagens para a sociedade é transmitir uma mensagem que desperte

a curiosidade em viver uma experiência nova respeitando a cultura e a sociedade do destino turístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma guerra que já dura seis meses, onde todos achavam que seria impossível a Ucrânia resistir, está mostrando um país com autodefesa forte, resistente e resiliente. A princípio esse estudo visava demonstrar a importância apenas do jornalismo de viagens para os destinos turísticos, no entanto, com a ofensiva russa na Ucrânia surgiu a necessidade de abordar os impactos que uma guerra causa na atividade turística e na comunicação principalmente quando uma das partes determina a censura da comunicação.

O jornalismo e viagens não é um tema muito comum entre os pesquisadores da área de turismo, tornado difícil a busca por autores que abordam o assunto, assim a dificuldade encontrada foram autores do meio turístico que escrevem sobre a comunicação e o turismo, sendo necessário buscar fontes através de blogs de viajantes, canais no Youtube, sites de viagens e artigos relacionados ao tema proposto, a maioria por vezes obtinha uma visão desqualificada do turismo, porém outros conseguiram passar uma mensagem positiva do turismo juntamente com a comunicação.

Deste modo este trabalho explicita como o jornalismo dentro da sociedade tem força para mover e manipular informações dependendo da narrativa construída, como por exemplo na Rússia o jornalismo independente foi perseguido e prejudicado pelas forças russas que tiraram a liberdade de expressão dos profissionais que não eram a favor da guerra e que transmitiam a verdadeira face do conflito. Diferente da mídia governamental que propaga informações somente a favor do presidente russo, inclusive o termo guerra não é utilizado no país, a propaganda utilizada é “missão especial na Ucrânia”, assim muitos veículos de comunicação foram vetados, impossibilitando que informações chegassem ou saíssem do país. Por causa dessas atitudes, tanto o jornalismo tradicional quanto o jornalismo especializado em viagens ou o de turismo não podem realizar nem um relato atual sobre o cenário dentro da Federação da Rússia.

No caso da comunicação na Ucrânia o que se difere é que o próprio presidente propaga informações sobre a guerra, mostrando por meio da mídia as perdas e o estado em que as cidades se encontram. A comunicação não foi censurada, tanto os meios de comunicação tradicionais quanto os especializados têm a chance de se expressar, os ucranianos têm acesso a internet livremente e os cidadãos não foram

censurados ou perseguidos pelo governo por mostrar a realidade que se encontra o país.

O intuito deste trabalho era mostrar que com a comunicação é possível conhecer uma realidade mesmo não estando fisicamente no local, usando-se do imaginário o leitor pode se tornar mais sensível com a realidade do local relatado, assim o jornalismo de viagens tem a capacidade de promover destinos turísticos de forma elaborada, no entanto é necessário que o profissional de turismo tenha todas as informações sobre o destino atualizadas para preservar a vida do turista. Sendo elas por meio da cultura, política local, comportamento social e etc.

É fato que o jornalismo de viagens desempenha um papel muito forte para o turismo, mas torna-se essencial nesses tempos que os profissionais de comunicação e turismo tenham liberdade para socializar informações sobre uma localidade sem sofrer censura e que de certa forma deixem na história a importância do patrimônio cultural desses lugares (Rússia e Ucrânia) que estão vivenciando uma guerra, infelizmente as vidas perdidas são imensuráveis, a Ucrânia que é o país atacado sofre muitas perdas humanitárias, assim como o risco de perder o seu legado cultural. Espero que este estudo desempenhe um papel importante para os futuros profissionais de turismo que a partir deste trabalho possam surgir novas pesquisas relacionadas ao turismo global, a comunicação cultural e o desempenho do jornalismo de viagens. E que possamos exercer a nossa profissão livremente.

REFERÊNCIAS

AQUINO, R. S. L. de. *Fazendo a História: A Europa e as Américas nos Séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Isbn, 1986.

ARENDDT, H. *Da Revolução*. Brasília: Editora UNB, 1988.

AVIGHI, Carlos Marcos. Turismo e comunicação: estudo do turismo na história da comunicação no séc.XIX. *Turismo em Análise*, São Paulo, v.3, n.2, p.22-23, nov.1992.

BARBON, Guilherme. A revolução russa de 1917 e os direitos fundamentais de segunda dimensão. *Contraponto*, v. 6, n. 1, 2017.

Beni, M. C. (2011). *Globalização e Turismo: Megatendências do setor e a realidade brasileira (3ª Ed.)*. São Paulo: Aleph.

BEZO, Brent; MAGGI, Stefania. Vivendo em “modo de sobrevivência:” transmissão intergeracional de trauma do genocídio do Holodomor de 1932-1933 na Ucrânia. *Ciências Sociais e Medicina*, v. 134, p. 87-94, 2015.

BBC News Brasil. Guerra na Ucrânia: os russos apoiam a invasão? Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60859247>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

BBC News Brasil. Como uma eventual invasão russa à Ucrânia pode espalhar conflito pela Europa. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59606588>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

BBC News Brasil. As origens históricas do conflito entre Rússia e Ucrânia. Youtube, 25 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DC03uDjzG58&t=249s>>. Acesso em 27 mar. 2022.

BBC News. Acidente do avião MH17 na Ucrânia: o que sabemos, 26 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-28357880>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

BRITO, J. P. de O.; MARTINS, P. dos S. FIÓDOR DOSTOIÉVSKI E A MODERNIDADE: INTRODUÇÃO A UMA CRÍTICA RUSSA À EUROPA DO SÉCULO XIX. *Revista de : História(s), Sociedade(s) e Cultura(s), [S. l.]*, v. 7, n. 15, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7814>. Acesso em: 10 maio. 2022.

Bound By Words. Disponível em <<https://za-slova.press/en>> Acesso em: 20 set. de 2022. Canal do YouTube: <https://youtu.be/Af69fJIMPi8>

BURAKOVSKIY, Aleksandr. Memória do Holocausto na Ucrânia: memorialização da tragédia judaica em Babi Yar. Documentos das Nacionalidades, v. 39, n. 3, pág. 371-389, 2011.

CASTELLI, Geraldo. Turismo: atividade marcante. 4. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

CCN BRASIL. Entenda o que acontece se a Rússia cortar o fornecimento de gás à Europa, 01 mar.2022. Disponível em: <Entenda o que acontece se a Rússia cortar o fornecimento de gás à Europa | CNN Brasil> Acesso em: 27 mar. 2022.

CETRONE, Camila. IG Turismo. Disponível em: <<https://turismo.ig.com.br/destinos-internacionais/2022-03-24/paises-europeus-sofrem-com-falta-de-turistas-apos-inicio-da-guerra.html>> Acesso em: 09 set. de 2022.

COOPER, Chris; FLETCHER, John; GILBERT, David; SHEPHERD, Rebecca; WANHILL, Stephen. Turismo: princípios e práticas. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

COTRIM, G. História Global. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

CUKIER, Henri Ozi. Guerra na Ucrânia - o que esperar do futuro. Youtube, 04 mar. 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/uPqP1JwmZ6k>>. Acesso em: 12 maio. 2022.
DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues de. Fundamentos do turismo. Campinas, SP: Alínea, 2002.

DEL ROIO, M. Lenin: do ano revolucionário à cisão do POSDR (1905-1911). *Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 134–145, 2020. DOI: 10.9771/gmed. v12i2.38677. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/38677>>

DUARTE, Samuel Correa; FIGUEIREDO, Cesar Alessandro Sagrillo. Um balanço político do fim da URSS: crises e colapso. *Tensões Mundiais*, v. 13, n. 25, p. 181-206, 2017.

EDLER, Daniel. Identidade, política externa e os discursos sobre história na Ucrânia. In: 3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2001, 3., 2011, São Paulo. Associação Brasileira de Relações Internacionais Instituto de Relações Internacionais - USP. Acesso em: 09 de maio. 2022.

Falco, Débora de Paula NARRATIVAS TURÍSTICAS. Imaginário e mídia na experiência urbana do turismo. Rosa dos Ventos [en línea]. 2011, 3(1), 24-38 [fecha de Consulta 16 de outubro de 2022]. ISSN: . Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473549022004>

FOLHA DE SÃO PAULO, 01 mar. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/03/a-guerra-a-ciencia-e-a-desinformacao.shtm>>. Acesso em: 12 maio. 2022.

GASTAL, Susana. Turismo, Imagens e Imaginários. São Paulo: Aleph, 2004.

G1. Após referendo, rebeldes anunciam criação do próprio exército na Ucrânia. São Paulo. Atualizado em 11 maio. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/05/apos-referendo-rebeldes-anunciam-criacao-do-proprio-exercito-na-ucrania.html>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

Guerra, A. C., Gosling, M. & Coelho, M. F. (2014). Redes Sociais: Um jornal on-line como fonte de informação especializada em turismo. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, Disponível em: <<https://rbtur.org/rbtur/article/view/800>>. Acesso em: 16 maio. 2022.

GONTIJO, Fabiano. Nação, simbolismo e revolução na Ucrânia. Revista de Antropologia, v. 63, n. 3, p. 1-28, 2020.

GOMES, Mariana Filipe. As Relações União Europeia-Rússia no século XXI e a anexação da Crimeia. Uma análise geopolítica. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade de Lisboa. Data de depósito 19 jul. 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.5/16156>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

GONSALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

HENDLER, Bruno; NOVELLI, Douglas. A Guerra da Crimeia, o Czar Nicolau I e a Sociedade Internacional do XIX: Uma Releitura a Partir das Escolas Francesa e Inglesa de Relações Internacionais. Relações Internacionais no Mundo Atual, [S.l.], v. 1, n. 19, p. 8-44, jan. 2016. ISSN 2316-2880. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/2227>>. Acesso em: 09 maio 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.21902/Revrma.v1i21.2227>.

HOBBSAWM, Eric J. A era do capital: 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HUNTINGTON, S. A terceira onda: a democratização no final do século XX. São Paulo: Ática, 1994. Inteligência de Mercado e Competitividade do Turismo da OMT. Disponível em <<https://www.unwto.org/impact-russian-offensive-in-ukraine-on-tourism>> Acesso em: 15 out. De 2022.

JORNALISMO. In: Oxford Languages. Disponível em: <Oxford Languages | The Home of Language Data (oup.com)>. Acesso em: 18 maio. 2022.

KISSINGER, Henry. Diplomacia. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEÃO, LOURDES MEIRELES. METODOLOGIA DO ESTUDO E DA PESQUISA: FACILITANDO A VIDA DOS ESTUDANTES, PROFESSORES E PESQUISADORES. PETRÓPOLIS: VOZES, 2016.

MANÁEV, Gueórgui. Como se formou a URSS. Russia Beyond, 2020. Disponível em: <<https://br.rbth.com/historia/84375-como-se-formou-a-urss>>. Acesso em: 11 de maio. de 2022.

MARTINI, Matheus Blazissa. Geopolítica da Rússia nos espaços pós-soviéticos. 2016. 46 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/156092>>.

MARQUES JUNIOR, N. K. Benefícios da revolução russa. *Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 210–221, 2019. DOI: 10.9771/gmed.v11i1.30690. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/30690>>. Acesso em: 11 maio. 2022.

MATIAS, Átila. "Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan)"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/otan.htm>. Acesso em 17 de maio de 2022.

MAZUCATO, Thiago et al. Metodologia da pesquisa e do trabalho científico. Penápolis: FUNEPE, 2018.

MELO, Wanderson. O processo da Revolução Russa de Fevereiro de 1917: protagonismo dos trabalhadores, estouro revolucionário e dualidade de poderes. *Revista Trilhas da História*, v. 6, n. 12, p. 4-24, 2017.

MIELNICZUK, Fabiano. A Identidade como Fonte de Conflito: A Relação entre Ucrânia e Rússia no pós-Guerra Fria. Dissertação de Mestrado, IRI/PUC-Rio, 2004.

MILHAZES, José. Comunismo como fase surpresa do anticlericalismo. *CEM Cultura, Espaço e Memória: Revista do CITCEM*, n 3, 2012.

MINAYO, M. C. S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NILSEN, Christian, 1968 – Turismo e mídia: construção e destruição de destinos turísticos / Christian Nilsen; trad. Edite Sciulle. – São Paulo.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). Código Mundial de Ética para o Turismo. Santiago, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). A ONU e a guerra na Ucrânia. Disponível em: < <https://unric.org/pt/a-onu-e-a-guerra-na-ucrania/>>. Acesso em: 07 maio. 2022.

PRAÇA, F. S. G. METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA: Organização Estrutural e os Desafios de Redigir os Trabalhos de Conclusão de Curso. 08, no 1, p. 72-87, JAN-JUL, 2015. Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos” (ISSN: 0486-6266).

REIS FILHO, D. A. Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

REVISTA GALILEU GLOBO. Edison Veiga. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2019/06/visitamos-ruinas-de-chernobyl-apos-30-anos-do-desastre-nuclear.html>> Acesso em: 27 set. de 2022.

SANCHO, Amparo. Introdução ao turismo. São Paulo: Roca, 2001. 371 p.

SEGRILHO, A. Herdeiros de Lenin: a história dos partidos comunistas na Rússia pós-soviética. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000, 118p.

SILVA, Laura Gomes da. Jornalismo de viagens e de turismo. Tese de Doutorado. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/9719>>. Acesso em: 16 maio. 2022.

TURISMO GLOBAL. William F. Theobald organizador; trad. Anna Maria Capovilla, Maria Cristina Guimarães Cupertino, João Ricardo Barros Penteado. – 2.ed. – São Paulo: Editora SENAC SP, 2002.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Disponível em: <<https://whc.unesco.org/>> Acesso em: 15 out. de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Pesquisador da UFF esclarece as motivações históricas da guerra entre Rússia e Ucrânia. Disponível em: <<https://www.uff.br/?q=noticias/24-02-2022/pesquisador-da-uff-esclarece-motivacoes-historicas-da-guerra-entre-russia-e>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

WENZEL, K & JOHN, V. M. (2012). Jornalismo de Viagens: Análise das principais revistas brasileiras. Estudos em Comunicação. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/11/pdf/EC11-2012Mai-14.pdf>>. Acesso em: 16 maio. 2022.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZARDO, Eduardo F. Marketing aplicado ao turismo. São Paulo: Roca, 2003. 192p.